

HERMETISMO E MAÇONARIA

Doutrina, História, Atualidade

INTRODUÇÃO

Faz já mais de vinte anos foi publicado na França *Science de l'Homme et Tradition*¹; seu autor, o discutido Gilbert Durand, ao referir-se à decadência do racionalismo, do positivismo, etc., quer dizer, das ciências humanas atuais, sustenta que a única possibilidade de tirá-las de seu beco sem saída, é a presença do Hermetismo, ou seja a aceitação de tudo aquilo que significam os deuses enquanto pautas, enquadramentos e padrões do pensamento, em particular o versátil Hermes, deidade das adaptações, mensageiro e portanto veículo da comunicação e do Ensino (Psicopompo).

Segundo G. Durand isto já ocorreu outras vezes, o que está implícito, adicionamos nós, em sua própria denominação de Hermes Trismegisto, ou seja, de três vezes grande, que não só está em relação com sua própria identidade, mas também com sua atuação no devir, sua intervenção histórica. De fato, esta figura percorre toda a história do Ocidente até nossos dias já que não só é o Trismegisto alexandrino, o Hermes grego e o Mercúrio romano, entidades tão móveis e inquietas como seus múltiplos atributos, que abrem caminhos e resolvem encruzilhadas, mas também da mesma forma o Thot egípcio, deidade escritora que aparece aqui e acolá como herói cultural. De fato esta figura é universal e pode assimilá-la aos Odín e Wotan Nórdicos, com os Enoque, Elias e Eliseu bíblicos, com o Zoroastro iraniano, e com o Quetzalcoátl tolteca e seus análogos em toda a América², com quem compartilha muitos de seus atributos e funções, dos quais se diz que não morreram, mas foram arrebatados ao céu, estão vivos, e se afirma têm que voltar para final dos tempos, quer dizer deste ciclo humano.

De fato, estes deuses são antediluvianos, atlantes, e ainda de origem anterior, hiperbóreos, e sua presença foi contínua ao longo da presente humanidade articulando as tradições conhecidas por sua própria função, e até aquelas das quais perdemos notícia. Inclusive é muito importante na última revelação religiosa, o Islã, onde é conhecido como o profeta Idris (como tal é mencionado no Corão) e onde é assimilado ao Mahdi, personagem que também aparecerá ao final dos tempos³, e que de fato se apresentou cada vez que esta tradição esteve em perigo de extinção ou corrupção. As comparações com Jesus, o Cristo, –assim como suas

relações com os deuses de distintos panteões, especialmente o grego— levar-nos-iam muito longe para os limites desta introdução, embora não podemos deixar de assinalar as numerosas equiparações da alquimia cristã⁴ Medieval e Renascentista entre o Mercúrio Solar e a divindade crística, e igualmente as relações hebraicas entre o Metatron e esta divindade, filha direta do Pai, quer dizer, nosso irmão⁵.

O Hermes grego, segundo os hinos homéricos, nasce na obscuridade de uma gruta, —como Jesus num presépio— na noite, e finalmente tem que converter-se no sol do amanhecer⁶. Seus pais são Zeus e Maia⁷ (relacionar este nome com o da mãe de Buda) e, como todas as deidades análogas, através de um processo ascendente alcança a plenitude de suas possibilidades e o ser humano então se deifica através de céus, ou planos —o mundo intermediário—, como o *Corpus Hermeticum* e outros textos atestam; o que é o mesmo que dizer que os númens ou anjos se fazem nele (de modo descendente)⁸, posto que o recipiente de sua alma conseguiu lhes dar capacidade mediante uma reciprocidade harmônica, possibilidade que pode se expressar em cada alma individual, ou ser coletivo, ainda que em nossos dias sombrios.

Assinalamos a estreita vinculação do Hermetismo com o Cristianismo, e também com a Tradição Hebraica (Enoque, Elias, Metatron) mas queremos adicionar quanto a esta última sua relação com o Egito, onde os judeus viveram cativos e foram liberados por meio de Moisés, filho adotivo do Faraó, que certamente recebeu determinados conhecimentos tradicionais dessa civilização. Igualmente outra influência muito destacada é a caldéia, já que o patriarca Abraão era da cidade de Ur; isto se encontra vinculado, então, a importantes legados astrológicos e "mágicos", já que na Antigüidade estes termos estavam identificados com o vocábulo caldeu. Isso sem negar a absoluta originalidade da Tradição Judaica e sua língua sagrada. Entretanto, em épocas posteriores, na Idade Média, surgem na Espanha com a aparição do *Zohar*, e em toda a Europa, várias correntes relacionadas não somente com a Árvore da Vida Cabalística (*Sepher Yetsirah*, *Sepher Bahir*), que tiveram parentesco com o pensamento gnóstico e neoplatônico, conforme autorizados investigadores; este é o caso de Gershom Scholem, e atinge o cerne do judaísmo, pois tudo isso foi incorporado à doutrina, à Cabala, termo cuja tradução, como se sabe, é literalmente "Tradição" e, portanto, nós adicionamos, igualmente ligada por intermédio da Gnose com a Tradição Hermética. Tudo isso sem mencionar à Cabala Cristã —que se denomina assim por constituir a aparição da Tradição judaica no seio do cristianismo, tal como o termo Hermetismo Cristão com respeito a Hermes, na Tradição cristã— de tanta

influência no Renascimento (e ainda na Idade Média) e que se projetará até nossos dias.

No caso do Islã, um povo, o dos sabeus, rendia culto a Hermes. Posteriormente foram islamizados e, como já dissemos, seu antigo Deus passou a ser o profeta Idris⁹. Diz-se que este povo "descendia" da Rainha de Sabá, e daí sua vinculação com Salomão e seu Templo, deste modo tomado como modelo da Maçonaria, cujo parentesco com o Hermetismo se estudará no presente livro.

Por isso Hermes, Pastor do rebanho celeste, Deus verdadeiramente Universal, é ao mesmo tempo a deidade mais antiga de todos os panteões –sendo antediluviano– e portanto um númen que bem poderia ser qualificado de Arquetípico, ou melhor, o Arquétipo da deidade no plano intermediário, ou identificado ao Ensino, como forma de comunicação, por mediação do Conhecimento, com os planos mais altos da Cosmogonia e a Ontologia, e da mesma forma com os autênticos suportes da Metafísica¹⁰.

Igualmente Hermes está vinculado com a música e a arte em geral, pois é o inventor da lira -que entrega a Apolo- e tem estreito parentesco com as Musas¹¹, já que suas três primeiras irmãs, em Delfos, personificavam as cordas desse instrumento.¹² De fato, a música, cuja origem é divina, está relacionada com o plano intermédio, e é capaz de estabelecer vínculos entre a audição e o Verbo, quer dizer entre o que se ouve e o sopro do inaudível.

Comparou-se a estrutura do cosmo com uma arquitetura musical, já que os sons e os números expressam proporções arquetípicas de harmonia e movimento coincidentes tanto no macro como no microcosmo. Não só a música é terapêutica –e aqui é preciso recordar a vara mágica que Apolo deu a Hermes em troca da lira, que podia curar¹³, ou despertar, tanto como dar o sonho e a morte, e que logo se converte no eixo de seu caduceu–, mas também manifesta estruturas invisíveis e inaudíveis que se expressam por sua intermediação. Por outra parte, é sabido que a música se propaga pelo ar e as asas do caduceu mercurial representam esta idéia, já que a deidade transmissora se vale fundamentalmente deste meio para revelar suas mensagens, assim como o vento anuncia a bênção das chuvas.

A.-J. Festugière, em seu livro *La Révélation d'Hermès Trismégiste*, afirma que há um hermetismo popular e um hermetismo culto. Estamos de acordo com ele mas não por suas razões, já que parece confundir povo com "massa". De outra parte, cataloga o hermetismo popular como

se expressando mediante mancias, tais como a astrologia, ou por conjuros, ou talismãs, o que considera superstições, ao mesmo tempo em que só destaca os textos sapienciais (sem entendê-los por seus preconceitos, claro, embora este é outro assunto). Não obstante nós queremos também destacar esse outro grupo de ensinamentos e costumes, próprios de todas as tradições, e que só podem ser qualificadas de supersticiosas quando se as compara com outros ritos que se entendem como oficiais, ou apoiando-se no racionalismo mais evidente e numa lógica que exclui o pensamento analógico. Se todo um povo acreditar em certos amuletos –em primeira instância símbolos– que expressam a energia desse deus, é que esse deus está vivo para eles, e invocado permanentemente. Por isso é que existe igualmente uma Tradição Hermética popular, tão válida quanto a sapiencial, pois o Deus ao qual se invoca naquela se encontra tão vivo como o que possa existir nesta.¹⁴ Nos momentos em que Hermes presidiu um povo, uma instituição, um grupo, pelo consentimento deste e, sobretudo, por Sua graça, a diferença entre os conhecimentos é só questão de grau numa sociedade organizada de tal maneira que todos participem de acordo com as suas capacidades e condições especiais, que têm sua função dentro dela, sem nenhuma exclusão por motivos artificiais, ou por uma diferenciação contundente, como nos é possível observar cotidianamente.

Como se pode apreciar, as revelações do Deus Hermes são múltiplas e a deidade aparece de muitíssimos modos distintos no curso da História.¹⁵ Deste modo se poderá observar neste estudo a íntima relação de nosso deus com a Maçonaria, como arauto do Grande Arquiteto do Universo. Para nosso trabalho tomamos em geral modelos míticos greco-romano-alexandrinos, que posteriormente poderão ser assimilados a outros panteões, mas a deidade, ou o conjunto de deidades intermediárias, segue sendo o mesmo, agrupado sob a entidade chamada Hermes (Hiram), que está tão presente hoje em dia como o fora em outros tempos e espaços, e se continua revelando de muitas diferentes maneiras, de acordo às diversas mentalidades, grupos e indivíduos que habitam o planeta.

O caduceu ou a vara –junto com as asas já mencionadas– é o elemento principal da iconografia do Hermes greco-romano, mas estes elementos estão presentes de diversos modos em outras muitas representações. De fato, as serpentes enroscadas no eixo da vara se encontram em diferentes tradições; no caso do Hermes-Mercúrio, é óbvio que elas representam a dualidade, própria de tudo o que é criado no Cosmo. E a interação destas serpentes enroladas no eixo universal em três níveis reflete, por um lado o plano do Universo, e por outro a conjunção dos opostos efetuada

igualmente em todos os mundos. Mediante esta união dos contrários, pode-se escalar através do eixo até que essa dualidade é superada pela função polar do próprio eixo, que transcende os opostos, e vitorioso se eleva para um espaço definitivamente outro.

Por sua agilidade, nosso deus é preparado, espontâneo e rápido, por isso foi reconhecido como o númen de comerciantes¹⁶ e diplomatas, inclusive de ladrões; isso está claro em seu currículo, já que uma de suas primeiras façanhas é roubar cinquenta vacas do rebanho de Apolo, o que indigna a este, embora que seja posteriormente perdoado. Além das significações astronômicas atribuídas a este mito, isto ao mesmo tempo o localiza dentro das deidades "trapaceiras", ou seja, as que vivem em sua raiz o paradoxo da dualidade cósmica, à qual são capazes de transcender de súbito, através de uma conjuntura pela qual podem filtrar-se.

Sem dúvida a Hermética é uma tradição complexa, como é a vida, o plano do Universo, e as relações entre os homens; ousar é quase necessário para nos tirarmos as cadeias que nos fazem escravos de nossa programação, ou das que querem nos infligir outros, verdadeiros policiais do pensamento, espíritos totalitários cujo refúgio é a norma, embora esta seja notoriamente falsa. Ninguém vem nos oferecer ou nos dar a liberdade; uma das condições para obtê-la é fazê-lo por nós mesmos, sem se deixar enganar por qualquer "mestre" ou diretor espiritual, mas sim por meio do plano intermediário, invocando ao Mestre Interno.

Apesar da sua ambigüidade, a entidade numênica será capaz de nos guiar no caminho, de tutelar nossas peregrinações e de nos tirar dos labirintos aos quais constantemente acedemos; e, se nos amparar com sua graça, seremos capazes de encontrá-la em cada volta da viagem, e reconhecê-la sob as diferentes maneiras e os diversos disfarces com que se reveste.

Por isso não sempre é fácil para todos conseguir uma filiação com esta Tradição –tampouco Hermes tem que lha outorgar a qualquer um sem que este pague seu preço– nem a realização nessa via, que não se expressa de maneira religiosa ou sentimental-devocional, que não possui ortodoxias teológicas estritas, a não ser a vivência de sua doutrina por meio do Conhecimento, o que obriga constantemente ao Aprendiz a constatar o que acontece no itinerário de seu próprio caminho, em seu ser interno, quer dizer, em sua Iniciação, sem o consolo que lhe soem brindar determinadas crenças relativas ao aparato religioso, que, entretanto, podem ser observadas desde outro nível simbólico, depurando-as, ou seja, em termos alquímicos, "retificando-as". Por isso é que a denominou uma Tradição "à intempérie" e pode ser considerada

pouco apta para certos espíritos pacatos que não se arriscam e, portanto, desta forma não podem calar ou deixar de se queixar por suas vicissitudes, ao invés de prosseguirem seu caminho, presidido pelo silêncio hermético.

Antes de finalizar estas palavras preambulares, queremos destacar um meio do qual se vale o hermetismo. De fato, para os hermetistas, o livro é um transmissor direto de conhecimentos, que se unem numa doutrina, que é absolutamente transformadora já que, tomando consciência de nós mesmos, conhecemos também nosso ser no mundo, quer dizer, os segredos da cosmogonia em virtude das leis da analogia que estabelecem as correspondências entre macro e microcosmo. A intermediação deste conhecimento do "Si", sempre é pela mediação simbólica de um terceiro elemento, capaz de conectar duas proposições e realizar o milagre da trindade do Ser, tanto do homem quanto do mundo, posto que sabemos que a cosmogonia é o Ser (ontologia) do Universo.

Por este motivo se justifica que começemos esta obra com um capítulo dedicado aos livros herméticos –que fixam o ensino oral– onde se poderá apreciar a história desta deidade, tanto quanto de suas doutrinas no mundo greco-romano e alexandrino, na Idade Média e no Renascimento e seus epígonos atuais.

Nesse sentido, o *Corpus Hermeticum*, a coleção de escritos mais emblemática da Tradição Hermética, no cap. XXIII (5-8) dos "Extratos de Estobeu", denominado a Pupila do Cosmo ou *Koré Kosmou*, afirma:

"Agora, oh maravilhoso filho meu, Hórus, não é num ser de raça mortal onde isto poderia se produzir –de fato nem sequer existia ainda–, a não ser numa alma que possuísse o laço de simpatia com os mistérios do céu: eis aí o que era Hermes, quem tudo conheceu. Viu o conjunto das coisas; e, tendo visto, compreendeu; e, tendo compreendido, teve poder de revelar e ensinar. De fato, as coisas que conheceu, gravou, e, havendo-as gravado, ocultou-as, tendo preferido melhor, a respeito da maior parte delas, guardar um firme silêncio antes que falar, a fim de que tivesse que as buscar toda geração nascida, depois, do mundo. Nisto, Hermes se dispunha a remontar para os astros para escoltar os deuses seus primos. Entretanto deixava por sucessores a Tat, simultaneamente seu filho e o herdeiro destes ensinamentos, logo, pouco depois, a Asclépios o Imuthés, segundo os intuitos de Ptah-Hefáistos, e a outros ainda, a todos aqueles que, pela vontade da Providência rainha de todas as coisas, deviam realizar uma busca exata e conscienciosa da doutrina celeste. Hermes pois, estava a ponto de dizer em sua defesa, ante o espaço circundante, que nem sequer tinha entregue a doutrina íntegra a seu filho, em vista da ainda muito pouca idade deste, quando, havendo-se levantado o dia, sendo que, com seus olhos que a tudo vêem, contemplava o Oriente, percebeu algo indistinto e, à medida que o examinava, lentamente, ao fim, veio-lhe a decisão precisa de depositar os símbolos sagrados dos elementos cósmicos perto

dos objetos secretos de Osíris e, depois, assim que realizou ainda uma prece e pronunciado tais e quais palavras, subiu ao céu."

"Mas não convém, meu menino, que deixe este relato incompleto: é necessário que refira tudo o que disse Hermes no momento de depositar os livros. Ele, pois, falou assim: 'oh livros sagrados que foram escritos por minhas mãos imperecíveis, vós sobre os quais, havendo-os unguido com o elixir da imortalidade, tenho todo poder, permaneçam imputrescíveis e incorruptíveis, através dos tempos de todos os ciclos, sem que se lhes veja ou se lhes descubra nenhum daqueles que terão que percorrer as planícies desta terra, até o dia em que o céu envelhecido da luz a organismos dignos de vós, aqueles que o Criador chamou Almas'."

NOTAS

- ¹ Há edição em castelhano recente: *Ciencia del Hombre y Tradición*, Ed. Paidós, Barcelona 1999.
- ² Quetzalcoátl (serpente alada) é também deus Asteca e como tal se estendeu por toda a área deste império, inclusive o sudoeste dos E.U.A. A mesma deidade recebe os nomes de Kukulcan, Gucumatz e Votam (notar o parentesco do nome com a deidade nórdica) entre os Maias, Bochica nos Chibchas colombianos, Viracocha entre as culturas incaicas, etc. etc., os quais bem poderiam ser chamados os Hermes Atlantes.
- ³ Ver L. Massignon, apêndice bibliográfico sobre "*L'Hermétisme Arabe*", em *La Révélation d'Hermès Trismégiste*: A.-J. Festugière, Les Belles Lettres, Paris 1989.
- ⁴ Muitos textos dão conta dela. Virtualmente toda a alquimia ocidental está posta sob o patrocínio de Hermes, invocado dentro da Tradição Cristã.
- ⁵ Ver Charles Mopsik. *Le Livre Hébreu d'Hénoch*. Moshé Idel, *Hénoch c'est Métatron*. Ed. Verdier, Lagrasse, França 1989.
- ⁶ Ou seja, a possibilidade de cada um ser um Hermes não nascido, que posteriormente fará despontar a alvorada.
- ⁷ Maia é uma das Plêiades, filhas de Atlas, daí sua relação com a civilização Atlântida e suas resultantes, ou seja: com a raça vermelha.
- ⁸ Ainda que ambos movimentos, ascendente-descendente, são na verdade simultâneos.
- ⁹ Ver Henry Corbin, *Historia de la Filosofía Islámica*. Editorial Trotta, Madrid 1994.
- ¹⁰ Se houver uma tradição Primordial, quer dizer: Arquetípica, e todas as formas em que se manifesta são só maneiras diferentes devido a condições de tempo, espaço e mentalidade, também há deuses arquetípicos e unânimes em todos os panteões, e se revelam também de diversas maneiras. De fato, Hermes, senhor do plano intermediário e condutor sutil nas estruturas do pensamento, é universal, e portanto cósmico e capaz de nos levar pelos caminhos do Conhecimento até os graus mais altos, e igualmente dos modos

mais inesperados.

- ¹¹ Ver W. Otto, *Las Musas, el origen divino del canto y del mito*. Eudeba, Bs. As. 1981.
- ¹² No início, segundo Erastóstenes em sua *Mitologia do Firmamento* (*Catasterismos* = transformação em estrelas), a lira estava feita "a partir da carapaça de uma tartaruga e dos chifres das vacas de Apolo; tinha sete cordas, em lembrança das filhas de Atlas [Plêiades]. Foi entregue a Apolo, que, depois de entoar um canto com ela, deu-a de presente a Orfeu, o filho de Calíope, uma das Musas, que ampliou o número de cordas a nove" em honra das mesmas. (Alianza Ed. Madrid 1999).
- ¹³ Quanto à medicina, o Caduceu preside até hoje através do bastão de Esculápio (Asklepios) seu filho, todas aquelas ciências não só vinculadas a esta mas também a farmacopéia.
- ¹⁴ Recordemos aqui uma forma de Hermes, como a antiga divindade Tracia, invocada pelos pastores para cuidar e reproduzir seus rebanhos, daí que na Arcádia fosse representado com o falo ereto, o que chegou a ser extremamente popular entre os camponeses que o colocavam nas frontarias de suas casas, passando posteriormente como um poderoso talismã às cidades gregas.
- ¹⁵ Por exemplo –e para citar só um caso–, nas tradições pré-colombianas, Quetzalcoátl e seus análogos já citados possuem distintos atributos e formas, mas não é difícil reconhecer a deidade em sua função mediadora e transmissora. "Salve Hermes, dispensador de alegria, mensageiro, doador de bens!" (Hino Homérico XVIII).
- ¹⁶ A presença de Hermes como deus do comércio está testemunhada em numerosas cidades de diversos continentes nos edifícios dedicados às Bolsas, ao comércio marítimo, (nossa deidade não só é fundamental na viagem iniciática mas também em todas as viagens, e especialmente nas grandes empresas de navegação –sem contar as terrestres– que deram lugar ao descobrimento de novos mundos), aos seguros, etc. Muitas destas esculturas ou baixos-relevos, emblemas e alegorias, são verdadeiras obras de arte, e em especial foram produzidas nos séculos XVIII e XIX.

HERMETISMO E MAÇONARIA

Doutrina, História, Atualidade

Federico González



I

OS LIVROS HERMÉTICOS (1)

Para o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, quer dizer, as tradições "do livro", o Antigo, o Novo Testamento e o Corão são a base de sua revelação e o centro ante o qual giram todos seus pensamentos e atividades; de fato, estes textos sagrados são também livros religiosos onde se encontram dogmas e leis morais. Mas este não é o caso de todos os livros sagrados, pois há outros onde os textos, que são tão reveladores como quaisquer, não são tomados com uma unção quase supersticiosa, ou legalista, ou literal, mas sim como um testemunho da luz da sabedoria que se expande em qualquer parte, sem imposições ou limitações de nenhum tipo, e à qual o ser humano deve acessar por sua própria conveniência ao encarnar o papel que corresponde ao Homem Verdadeiro¹, ao *Anthropos* hermético. Tal é o caso do *Corpus Hermeticum*, conjunto de livros sagrados emanados de uma corrente de pensamento tradicional que se coloca sob a avocação do Deus Hermes, ou Hermes Trismegisto, deidade greco-egípcia, considerada como o deus da Palavra (Verbo, Logos), do Ensino e grande iniciador nos Mistérios da Cosmogonia, psicopompo, cujo patrocínio se estende desde os primeiros séculos de nossa era pelo mundo mediterrâneo, tendo seu núcleo de irradiação em Alexandria, até nossos dias, em tudo o que se pode considerar o Ocidente ou sua área de influência cultural. Assinalaremos que esta corrente de antiga linhagem, pois Hermes é o Deus egípcio Thot e os *Hermetica* os livros sagrados de Thot, inclui importantes autores da Antigüidade grega, romana e bizantina, assim como foi determinante em personalidades muito destacadas do Islã. Por outra parte, este pensamento percorreu a Idade Média européia e o próprio *Corpus Hermeticum* foi conhecido entre outros por Bernardo de Tours e Teodorico de Chartres, século XII, este último dado importante, tendo em conta o que a escola desse lugar representou no século posterior e em geral na Idade Média; entretanto é no Renascimento onde este pensamento e os livros da *Hermetica* adquiriram seu maior significado ao ser o *Corpus* traduzido por Marsílio Ficino e completado depois por F. Patrizzi, e estes escritos editados pela Academia platônica de Florença que veio substituir histórica e geograficamente o farol luminoso de Alexandria, cujo feixe se perpetuou pontualmente até hoje. Isto por outra parte não se deve estranhar, já que a Tradição Hermética tem inegáveis relações e estreito parentesco com as religiões místicas egípcias, gregas e romanas, com Platão e o neoplatonismo, as gnoses não dualistas, e o cristianismo –com os quais compartilha análogos conceitos cosmogônicos e teogônicos, sem excluir as fontes hebraicas e "orientais", em especial a caldéia.

Deve se observar que, ao nos referirmos aos textos sacros, iniciáticos e sapienciais que são tomados de modo "religioso", de forma devota ou de

maneira fanática, dogmática, legalista ou literal, não discutimos os textos em si, a maior parte dos quais admiramos e reverenciamos, senão o nível de leitura que se faz deles. Por outra parte esses livros reveladores são transmitidos pelas religiões oficiais dentro de seu aparato, e a difusão desses livros esotéricos justificaria, acaso, a existência de instituições religiosas cujo único fim é levar a autêntica mensagem, de Conhecimento salvífico, ao homem –e portanto sua única função é ligar este com o Espírito, que nele reside–, e entretanto se ocupam de questões materiais (quando se sabe que a matéria não é transcendente) ou sociais, para citar um par de exemplos de inversão

Além disso deve se considerar que, para o leitor atual, queira-o ou não, vítima de uma programação herdada e imposta pela cultura profana, qualquer texto que não siga uma seqüência racional –inclusive explicativa– em suas partes, ou que não inclua geralmente uma tese e uma demonstração, é algo que não tem valor. De fato assim ficariam desqualificados –como o estão para os modernos– todos os textos sagrados universais por desconexos ou absurdos. Essa atitude os leva igualmente a encontrar contradições na letra, o que vez por outra ocorre, embora muitas delas sejam aparentes; o mesmo quando se acusa de vago ou confuso algum livro, pois nem sempre o é com outros parâmetros mais abertos de juízo. Na realidade o que se busca é algo fixo e oficial e daí a repulsa, quando não a fobia, aos textos chamados apócrifos, e ainda aos simples manuscritos –que passaram por numerosos copistas em diferentes épocas e línguas–, e também a desconfiança que pode produzir uma literatura não datada com exatidão; igualmente se deve assinalar o preconceito ou o temor a respeito de tudo aquilo que é anônimo.²



Baixo-relevo do Rameseum. O deus fala com Ramsés o Grande. Trad. J.F. Champollion. *Principes généraux de l'écriture...*, Paris 1836

Mas o curioso é que esta atitude inconsciente se encontra presente na obra dos críticos, e ainda na dos comentaristas desses textos que, de fato, são as pessoas que mais trabalharam com eles, e se dá o paradoxo de que, por outra parte, muitos estudiosos de livros sapienciais, de Conhecimento, e obras sagradas transmitidas e repetidas pela Tradição são lidos com condicionamentos culturais, religiosos, científicos (universitários) e particulares, ao ponto de que estes comentaristas não captam em última instância o pensamento que estudam e comentam. O melhor exemplo disto se constitui na obra de Platão: por um lado seus "estudiosos" se queixam de sua obscuridade "teórica", agravada por sua expressão em forma de diálogos que incluem diferentes pontos de vista sobre a cosmogonia e opiniões divergentes sobre algum tema –exemplo que imitam de forma bitolada–, por outro não encontram em sua obra –e pensamento– algo fixo que possam classificar, ou proposições lógicas, mas sim em alguns fragmentos que nem sempre encaixam com os outros, ou a seu parecer se contrapõem. Por isso todo o aparato crítico e filológico que elaboram, que de um ponto de vista é muito valioso (estabelecimento de textos, traduções, notas eruditas), necessário, útil e esclarecedor num aspecto horizontal, é desde outro completamente nulo, já que não constitui, na maioria dos casos, uma hermenêutica, e nem sequer uma exegese da obra, assunto que não figura em suas intenções embora seja o mais importante; ainda mais quando não são capazes de compreender que a linguagem em que estão escritos é precisamente o da

metafísica, sempre evasivo.

O *Corpus Hermeticum*, e os textos de tipo filosófico nele incluídos (sem desprezar o corpus astrológico-mágico que corre paralelo) sofreram uma estranha sorte no curso da história. Mencionados calorosamente nos primeiros séculos do cristianismo por autores esotéricos e filósofos, passam à Idade Média onde conservam seu prestígio entre teólogos e sábios (tal como a vertente astrológico-mágica: *Picatrix, Turba Philosophorum*) e chegam ao Renascimento –via G. Pletón, e o grego ortodoxo Bessarion, ambos ligados aos ensinamentos do bizantino Miguel Pselos–, onde a Academia de Florença, dirigida por Marsílio Ficino, consagra-os publicando-os em tradução do próprio Ficino, por encargo de Cosme de Médicis, ao mesmo tempo em que as obras de Platão. Posteriormente, F. Patrizzi (que faz de Hermes um contemporâneo de Moisés, e o mesmo pensa de suas obras), "publicou seu 'Nova filosofia universal', acompanhando a de uma versão do *Corpus Hermeticum* segundo o texto grego de Turnèbe e Foix de Candale, do qual levou a cabo uma nova tradução ao latim, assim como do *Asclepius* e de alguns dos *Hermetica* conservados por Estobeu, com a correspondente versão latina de tais textos. Deste modo, Patrizzi recolheu em dito volume a mais extensa coleção da *Hermetica* que jamais se reuniu até então e tomou como base para a construção de sua nova filosofia" (F. Yates, *Giordano Bruno y la Tradición Hermética. Ariel, Barcelona 1983*). *Sabe-se que foi tanto o encontrado nestes textos pelos criadores do Renascimento (filosófico, escultórico, pictórico, artesanal, científico, etc., etc.), quer dizer, os sábios autores de seu movimento revolucionário antes que a facção de pensamento "humanista" triunfasse sobre a corrente hermética (assunto que não podemos espriar aqui mas que está vinculado de todas as maneiras com a doutrina dos ciclos), que inclusive chegaram a pensar que estes textos eram, por ser os mais sapienciais, os mais antigos (prisca theologia) e deles derivavam os do Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão, etc., e seu conteúdo revelava os ensinamentos de Hermes-Noûs, quer dizer, da Mente Divina.*³

De fato, como se vê, estes textos inspiradores do Renascimento, junto com Pitágoras, Platão, os neoplatônicos, a cabala hebraica, as ciências da natureza, a magia natural e a Antigüidade egípcia, grega e romana, moldou a cultura desse período, e de algum jeito a nossa, a contemporânea, pois através do Renascimento estes livros e seu conteúdo seguiram vivos até nossos dias, manifestados por uma corrente hermetista que inclui à alquimia, sempre espiritual, em seu conjunto, e todas as ciências que invoquem a paternidade ou o amparo de Hermes ou

estejam vinculadas a essa transmissão tão singular de energias e simpatias, cujo pensamento os *Hermetica* em seu conjunto expressam com clareza, já que o próprio Hermes é tomado como o mantenedor da sabedoria oculta e seu transmissor, e seu nome deve ser considerado mais como o de uma influência espiritual, que o de uma pessoa.

Por isso o Renascimento venerou estes textos e praticou sua filosofia; pois a Beleza, a Inteligência e a Sabedoria neles contida é uma mensagem repetida de uma ou outra maneira por todas as gnoses, já que deriva de uma Tradição Unânime, polar, quer dizer, vertical, à qual o homem pode ter acesso conforme o indicam estes mesmos textos. A adequação da sociedade renascentista aos *Hermetica* marcou o esplendor histórico deles, junto com os ensinamentos pitagóricos, platônicos, neoplatônicos, cabalísticos e cristãos⁴ com os quais coincidem em muito numerosos pontos, sem que nenhum deles seja necessariamente "sincrético" tal qual como se entende hoje esse vocábulo

Daí que nos pareça muito injusto o tratamento que certos eruditos modernos, ou racionalistas de tipo "grego clássico", ou com preconceitos cristãos, ou "gramáticos", todos influenciados pela visão literal do mundo moderno, dispensaram a estes escritos, aos quais subestimam por serem fragmentos diz que desconexos, ou obscuros, ou contraditórios, sem pensar que todos os livros sagrados têm as mesmas características e sem ver os constantes resplendores de luz, doutrina e poesia que brotam de seus textos. Acreditam que talvez a datação exagerada e acaso a supervalorização destes livros no Renascimento, assim que não só eram comparados vantajosamente com a Bíblia –à qual eram anteriores– mas também quase com qualquer outro escrito, tenham determinado em grande parte sua desvalorização posterior, já que uma vez que Isaac Casaubon em 1614 descobriu o engano de datação mediante um estudo filológico e estilístico de suas partes e o situou nos primeiros séculos do cristianismo, o *Corpus Hermeticum* começou a ser relegado e menos considerado, quase culpado de uma fraude e de uma brincadeira histórica que deviam pagar os próprios escritos, e cuja condenação devia ser o esquecimento, quando não o desdém.⁵

Assim é como o padre A. J. Festugière, tradutor do *Corpus Hermeticum* e autor da obra em quatro tomos *La Révélation d'Hermès Trismégiste* ⁶ e uma autoridade na matéria cujo mérito é indisputável, fala de uma contradição no pensamento fixado nos *Hermetica*, que, inclusive, está presente na obra de Platão. Por um lado assinala que uma doutrina inserida neles admite que o mundo está penetrado pela divindade e portanto é belo e bom e a contemplação desse mundo, obra divina, é uma aproximação a seu Criador. Pelo outro observa que nos textos

também o mundo criado aparece como mau, não sendo a Obra do Primeiro Deus, mas sim do Demiurgo, seu filho, a segunda pessoa da Divindade, um Deus tão terrível como é terrível a Criação sujeita a destruição, enfermidade, velhice e morte. De fato, só no ânimo do P. Festugière existe esta contradição que só é justificável no âmbito de uma mente racionalista. Por que nesta dupla percepção, que chama "doutrina", seria incompatível e excludente um dos termos com respeito ao outro? Nas "doutrinas" de todos os povos se fala de uma dupla natureza no homem, que por isso é o intermediário entre céu e terra. Como qualquer cristão sabe, trata-se da distinção entre a parte mais sutil, associada ao espírito, e a mais grosseira, vinculada com a matéria. Isto que é reconhecido no microcosmo é válido para o macrocosmo. E a maravilhosa criação, a Obra de um Ser Infinito, não é incompatível com um cárcere em que o Espírito e a deidade se acham presos; tampouco uma forma de ver diferente e simultânea do mundo tem por que associar-se necessariamente com algo tão mutável como uma visão "otimista" ou "pessimista". É mais, se não fora por esta prisão cósmica, a Revelação Hermética e o caminho que propõe (assim como sua cosmogonia) não teriam razão de existir, e inclusive seria nulo o Mundo Intermediário; mais quando se pensa em Hermes como um psicopompo, ou o que é o mesmo, em Poimandres como um Pastor capaz de nos liberar, ao ponto de tornar o cárcere em nossa casa, e ordenar nossa saída do cosmo. Por outra parte, a queda do homem contemporâneo sumido nas trevas, que prefere à luz, está descrita nestes livros na *Koré Kosmou* e o Apocalipse de *Asclépio* que anunciam para o Egito Mítico, Centro do Mundo, uma total inversão dos valores.²

Mas o mais importante é que esta dualidade do que voa e do que reptar, ou das trevas e a luz, está inscrita no coração mesmo da deidade, que constantemente conjuga os opostos produzindo a harmonia cósmica, pois "tudo deve resultar da oposição e da contrariedade: e é impossível que seja de outro modo" (X,10). Entretanto o *Deus-Noûs* não tem nome, é mais, é incognoscível e não se pode aplicar-lhe nenhuma determinação, aparecendo só de maneira racional em termos negativos, o que faz ao Conhecimento Divino um paradoxo imensamente majestoso.

O homem é pois mediador, não só em sua função central mas também como um pequeno demiurgo numa criação que sempre existiu e que se encontra permanentemente inacabada, viva, em constante metamorfose e que ele pode transformar, já que aparece como o ponto ou a unidade onde convergem todas as energias criacionais, coroando e dando sentido ao plano divino ao restabelecer os contatos que revelam as analogias, pois o mundo sensível se reflete no inteligível como o inteligível no

sensível. Tudo isso graças a uma rede onde o Amor é o protagonista e o matrimônio (*Hieros Gamos*) entre o Céu e a Terra uma cópula perpétua. O que é equivalente em outro simbolismo a uma cadeia de iniciados (O fio de Ouro) que se transmite do *Noûs* ao Poimandres, deste a Hermes, d Hermes a Tat e deste a todos os Adeptos e teurgos da tradição Hermética. Daí que o *Corpus Hermeticum* constitua uma revelação e que a só compreensão de seus enunciados conforme uma Gnose, dado que somos a matéria do que conhecemos e o Verbo Primitivo se manifesta no humano possibilitando o surgimento do homem *pneumático*, paradigma do iniciado, que sabe ler os sinais da natureza e os símbolos mutáveis de sua aventura cósmica, adequando-se às circunstâncias de sua viagem, que se assemelha ao Conhecimento, e que o texto do *Corpus Hermeticum* transmite.

O Conhecimento, ou seja, a Realização Espiritual, está tão longe da religião como da magia, segundo estes termos são entendidos normalmente pelo mundo moderno; e mais: estas soem constituir-se em inimigos implacáveis num processo iniciático. Conta disso dão-nos o judaísmo sionista, o cristianismo integrista e o islamismo fundamentalista. Nada a dizer da literalidade da magia chamada cerimoniosa (sempre sujeita à dualidade causa-efeito) com respeito às tradições arcaicas que utilizavam as fórmulas, encantamentos e talismãs num contexto de crenças e símbolos cosmogônicos grupais, nunca isolados de sua razão de ser última, e igualmente com respeito à "magia natural" renascentista e que são autenticamente as correspondências e analogias como veículos de acesso à cosmogonia, à ontologia e à metafísica, quer dizer, a Via Simbólica em sua verticalidade ascendente, que se manifesta no microcosmo como diversos estados do Ser Universal. Deve se dizer que as palavras religião e magia, tomadas em seu sentido mais amplo e esotérico, podem ser válidas, como é o caso em certos autores de língua inglesa, onde o costume as utiliza sem muita precisão; inclusive nesse idioma os termos misticismo e ocultismo têm um significado geral que o uso de algum jeito legitima. Entretanto em matéria de doutrina, quer dizer, da própria compreensão intelectual de tais conceitos, é necessário os redefinir já que podem significar idéias diametralmente opostas ao que verdadeiramente expressam e negar a intuição da Suprema Identidade, e obstaculizar o trabalho dos aprendizes da Ciência Sagrada.

No Renascimento e na Tradição Hermética em geral (assim como nas arcaicas) sublinha-se a figura do teurgo como ideal do Homem de Conhecimento (ainda que não seja um "erudito" e, inclusive, não saiba ler ou escrever), a do Adepto, a do Filósofo ou Artista, a do Mestre

Construtor mas nunca a do monge, frade ou religioso, embora alguns deles o tenham sido. Como se vê, a Teurgia, às vezes involuntária, ou melhor, sem fins concretos ou específicos, está incluída no processo alquímico; na maioria dos casos este não passa pela religião, onde paradoxalmente se encontram também os símbolos do Conhecimento e onde se refugiam os que, por um ou outro motivo não podem alcançá-lo por si mesmos, ou seja, aqueles aos quais a graça que lhes coube não lhes permite transcender este nível, muitos dos quais, em lugar de aceitar suas limitações com serenidade, pretendem fazer das "grandes religiões" o meio ou caminho oficial do metafísico, o que é um engano que valoriza o menos e o confunde com o que é mais.

Neste sentido, deve-se observar que os livros da *Hermetica* são emanados num meio e num tempo onde a Teurgia e a Filosofia de mãos dadas, a tal ponto que a figura do sábio e do mago, ou melhor, do teurgo, identificavam-se, e onde os textos pertencentes ao *Corpus Hermeticum* aparecem simultaneamente com outros manuscritos e autores, como é o caso de um grande conjunto de coleções com fórmulas e receitas mágicas, medicina, astronomia-astrologia, e alquimia, que ainda hoje se conservam, e que se acham colocadas sob a avocação de Hermes, ou Mercúrio, ou Hermes-Trismegisto, consistentes sobretudo em correspondências e analogias entre os astros, o ser humano, o reino mineral, vegetal e animal e outras práticas rituais individuais relacionadas com a cosmogonia, o plano intermediário e as ciências da natureza. Festugière estabelece aqui também uma dupla divisão entre magia popular e a filosofia do *Corpus Hermeticum*; a título provisório parece aceitável essa divisão enquanto tudo que é relacionado com a magia e com as práticas rituais é muito apreciado e sentido por uma grande quantidade de pessoas, cuja compreensão dos símbolos, mitos e ritos é muito relativa, embora participem também destes ensinamentos; mas acreditam que essa divisão pode tomar-se em conta caso se faça sob a condição de que, na Tradição Hermética, a corrente "popular" e a "filosófica" se encontrem indissolivelmente unidas, como os livros "populares" o estão com o *Corpus Hermeticum* conforme pode apreciar-se —para citar só um exemplo— quanto ao tema da unidade da matéria. Nomearemos aqui uma série de livros e textos que pertencem a estes *Hermetica*, chamados astrológicos ou mágicos e que não foram ainda objeto da atenção necessária pelos estudiosos, o que seria de grande interesse. Um *Livro das Tinturas Naturais* atribuído a Hermes, conhecido através das entrevistas e comentários que faz Zósimo em sua *Conta Finale* que dá a impressão de ser mais um tratado sobre o simbolismo da cor e seus significados múltiplos que um tratado prático sobre tingimento, dada a óbvia impossibilidade de conseguir certas tintas

em determinados materiais; *O Transe de Salomão* que começa com uma contagem de nomes sagrados que Hermes Trismegisto tinha gravado em hieróglifos e que se ocupa também da fabricação de talismãs conforme dados astrológicos, sejam estes estatuetas ocas de Hermes ou algumas outras, que deviam possuir em seu interior um encantamento escrito sobre um papiro, como foi o caso do descobrimento do texto da *Tábua de Esmeralda*. Especial atenção deve se prestar ao *Liber Hermetis Trismegisti*, considerado principalmente um tratado astrológico (como o *Monomoirai*, referente aos deuses de cada um dos 360 graus do Zodíaco, e que não se conserva, mas cujo tema constitui entretanto o cap. 25 do *Liber*), tradução latina de um florilégio grego do Séc. V que contém ensinamentos mais antigos de caráter egípcio, que se pensa terem sido retocados no Séc. II-III d. C., procedentes de um grande corpus integral astrológico hermético articulado na época ptolomaica, entre as quais a que se refere aos decanatos (presente nos textos que se guardavam nos templos desde 3.000 anos a.C., e tratada também no *Extrato VI de Estobeu*); por outra parte, este manuscrito passou diretamente através dos gregos ao ocidente medieval sem a participação dos árabes, como foi pelo contrário o caso do *Picatrix* e da *Turba Philosophorum*; outro tratado astrológico, como seu nome o indica, é: *Sobre a dominação e a potência dos doze lugares*. Vários volumes sempre baseados na idéia do movimento dos astros em relação com os elementos cósmicos e as simpatias secretas que os unem, tratam sobre medicina e receitas com elementos minerais, vegetais e animais que devem ser invocadas e combinadas de acordo a tempo e lugar com respeito à relação própria de cada astro com o operador, em virtude da íntima relação entre o macro e o microcosmo. Tal o caso do *Livro sagrado de Hermes a Asclépio* e outros textos. Adicionaremos o *De XV herbis lapidibus et figuris*, atribuído a Enoque; igualmente o *De XV Stellis*, escrito por Hermes (recebido por via islâmica) chamado deste modo em alguma ocasião *Quadrupartitum Hermetis* (pelo quaternário dos temas: estrelas, pedras, plantas e talismãs, e um prólogo sobre as virtudes do número 4), também atribuído a Enoque em uma de suas formas resumidas. A estes títulos devem somar-se *Iatromathematika de Hermes a Ammón o egípcio* e as *Kyranides*, de Hermes, ao que lhe outorga bastante importância, e que principalmente trata sobre a atração e a repulsão, ou seja, as simpatias e antipatias que animam o cosmo; menção à parte merece o manuscrito egípcio de Leyden, escrito em demótico e grego, encontrado em Tebas no ano de 1828, dividido em duas partes que se conservam uma na cidade do mesmo nome e outra no Museu Britânico, cujo conteúdo, de fórmulas oraculares e mágicas, medicinais e botânicas, constitui um claro exemplo desta literatura hermética, na qual não faltam nem a astrologia, nem os lapidários e bestiários; igualmente *Os sete capítulos*

ou livros de Hermes serão referência de numerosos hermetistas e textos de alquimia medievais e renascentistas e tem sido editado até hoje.⁸ De outros livros similares há também referências em outros textos, embora ainda não tenham sido encontrados os originais em questão. Há autores que soem adicionar aos *Hermetica* as obras de Bolos de Mendes, os escritos de Zósimo, de Sinesius, de Olimpodoro e de Stephanus da Alexandria produzidos do II ao VII séculos de nossa era; igualmente o *corpus* dos alquimistas gregos e os numerosos fragmentos alquímicos de Hermes que o conformam.⁹ Também devem ser mencionados os textos chamados *Definições*, ou *De Hermes Trismegisto a Asclépio*, textos armênios publicados pela primeira vez, junto a uma tradução ao russo em 1956, e que P. Mahe, que os estudou, situa no primeiro século anterior à era cristã, que embora tenham o mesmo título que o livro XVI do *Poimandres*, trata-se de textos distintos.



Os Livros Herméticos II

NOTAS

- ¹ Seria muito saudável que assim pudessem ser lidos certos livros bíblicos como os de Moisés, das profecias, dos salmos, dos de sabedoria, dos evangelhos (especialmente o de S. João), São Paulo, etc., tal como são e como foram escritos, sem nenhuma conotação dogmática a respeito.
- ² Costumou-se criticar o *Corpus Hermeticum*, não só o *Poimandres*, que seu texto é às vezes confuso, quando não contraditório ou devido à mão de vários autores. A respeito, queremos citar a introdução ao Evangelho de São João, publicado na Bíblia de Jerusalém (Desclée de Brouwer, Bilbao 1984): "É bastante difícil descobrir o plano preciso segundo o qual quis São João expor este mistério de Cristo. Notemos acima de tudo que a ordem em que se apresenta o evangelho oferece certo número de dificuldades: sucessão difícil dos caps. 4, 5, 6, 7 1-24; anomalia nos caps. 15-17 que vêm depois da despedida 14 31; situação fora do contexto de fragmentos como 3 31-36 e 12 44-50. É possível que estas anomalias provenham do modo como se compôs e editou o evangelho: na realidade, seria o resultado de uma lenta elaboração, com elementos de épocas diversas, retoque, adições, diversas redações de um mesmo ensino, havendo-se publicado definitivamente não pelo mesmo João senão, depois de sua morte, por seus discípulos, 21 24; estes teriam inserido na trama primitiva do evangelho fragmentos joânicos que não queriam que se perdessem e cujo lugar não estava rigorosamente determinado."
- ³ Para este e outros temas ligados a Hermes e aos livros herméticos ver os muito valiosos estudos de Antoine Faivre, especialmente: *The Eternal*

Hermes, from Greek God to Alchemical Magus, Phanes Press 1995, Grand Rapids (MI) USA; do mesmo modo, de A. Faivre e colaboradores (M. Sladek, P. Lory, M. Allen, C. Vasoli, I. Pantin, J. Telle), *Présence d'Hermès Trismégiste*, Ed. Albin Michel, "Cahiers de l'Hermétisme", Paris 1988.

⁴ O cristianismo em geral e o catolicismo em particular, jamais atacou ou censurou o conteúdo do *Corpus Hermeticum*; pelo contrário, foi conhecido e utilizado em algumas ocasiões por seus próprios teólogos e muitos de seus sacerdotes.

⁵ Em grande parte a importância dos livros Herméticos vem por Thot ser o escriba divino e o Deus da escritura; alguns autores do final de século e princípio deste como Frederic du Portal e E. A. Wallis Budge estudaram a relação entre os hieróglifos egípcios e distintas formas de expressão gráfica. Ver para este tema das linguagens simbólicas herméticas: *The Alphabetic Labyrinth: The letters in History and imagination*, Johanna Drucker, Thames and Hudson, N. York 1995; logicamente também *Principes Généraux de l'Écriture Sacrée Égyptienne*, J. F. Champollion. Institut d'Orient, Paris 1984.

⁶ Ed. Les Belles Lettres. Paris 1989.

⁷ "... posto que convém aos sábios conhecer por antecipação todas as coisas futuras, há uma que é necessário que saibam. Virá um tempo em que parecerá que os egípcios honraram em vão seus deuses, com a veneração de seu coração, mediante um rito assíduo: toda sua sagrada adoração fracassará, ineficaz, será privada de seu fruto. Os deuses, deixando a terra, retornarão ao céu; abandonarão o Egito; esta comarca, que foi antigamente o domicílio das sagradas liturgias, viúva agora de seus deuses, não desfrutará mais de sua presença. Estrangeiros encherão este país, esta terra, e não somente já não se tomará cuidado das observâncias, mas sim, coisa mais penosa, será estatuído por pretendidas leis, sob pena de castigos prescritos, abster-se de toda prática religiosa, de todo ato de veneração ou de culto para os deuses. Então esta terra muito santa, pátria dos santuários e templos, ficará inteiramente coberta de sepulcros e mortos. Oh, Egito, Egito! Não ficará de seus cultos mais que lendas e seus filhos, mais tarde, nem sequer acreditarão nisso..." (*Asclépio*, 24). "Os homens arrancarão as raízes das plantas e examinarão as qualidades dos sucos. Escutarão as naturezas das pedras e abrirão de cima a baixo àqueles viventes carentes de razão; que digo, dissearão a seus semelhantes, em seu desejo de examinar como foram formados. Tenderão suas audazes mãos até o mar e, abatendo os bosques que crescem por si mesmos, transportar-se-ão uns aos outros de margem à margem até as terras que estão além. Investigarão inclusive que natureza se oculta no fundo dos santuários inacessíveis. Perseguirão a realidade até no alto, ávidos de conhecer por suas observações qual é a ordem estabelecido do movimento celeste. Mas ainda isto será pouco." (*Extratos de Estobeu*, XXIII 45).

⁸ *Los Siete Capítulos de Hermes*. Ed. Atalanta, Mataró, Barcelona 1995. Também *El Papiro de Leyden*, mesmo editora e ano. E o *Tratado de los Talismanes o Figuras Astrales (1658)*, Obelisco, Barcelona 1995.

⁹ Para mais informação e referências bibliográficas e inclusive tradução de textos, ver Festugière: *La Révélation d'Hermès Trismégiste*, T. I.

HERMETISMO E MAÇONARIA

Doutrina, História, Atualidade

Federico González



I

OS LIVROS HERMÉTICOS (2)

Quanto a autores antigos que conheciam o *Corpus Hermeticum* ou os *Hermetica*, ou ainda se pensava que, em algum caso, eram os responsáveis por estes livros, nomearemos a Plutarco,¹⁰ Jâmblico,¹¹ Hermias,¹² e inclusive Apuleio, iniciado nos mistérios "egípcios", ao qual se atribuiu posteriormente a autoria do *Asclépio*.¹³ Eis aqui o que diz por sua parte o neoplatônico Proclo com relação a nossa deidade:

... e de fato este deus é o éforo dos ginásios (razão pela qual se colocavam estátuas de Hermes nas palestras), da música (por isso é que é honrado como Hermes da lira no céu), das ciências (a ele se atribui o descobrimento da geometria, dos raciocínios, etc.) e da dialética (já que este deus é o inventor de todo discurso, se for verdade que *é ele quem imaginou a fala*, como se aprende no *Crátilo*). Posto que preside toda a educação, compreende-se que seja o guia, aquele que nos conduz para o inteligível, que eleva nossa alma fora do lugar mortal, que dirige os diversos grupos de almas, que dispersa seu sonho e seu esquecimento, que é o dispensador da reminiscência, cujo fim é a intelecção inteiramente pura dos seres divinos.¹⁴

Mas isto não é nada; o mesmo Proclo no ano 453, quando tinha 41 anos, recebe em sonhos a revelação de que sua alma pertence à corrente de Hermes, conforme o narra seu biógrafo e discípulo Marinus (*Vida de Proclo*, 28). Esta revelação a obtém de Asclépio, deus muito popular na Atenas de seu tempo. Hipólito de Roma (Séc. II - ca. 236), grecófono radicado nesta cidade, refere-se também em seus *Refutatio* a representações de Hermes de origem egípcia, especialmente uma existente na cidade de Cilene:

Os gregos receberam este mistério dos egípcios e o custodiam até o dia de hoje. Vemos, efetivamente, aos Hermes honrados por eles sob esta forma. Veneram-no como o intérprete e artífice do que era, é e será, e se levanta representado sob esta forma, isto é, com o membro viril mostrando o impulso das coisas inferiores para as superiores (V, 7. 29). No templo da Samotracia se levantam duas estátuas de

homens nus, com ambas as mãos estendidas para o céu e ereto o membro viril tal como a estátua de Hermes em Cilene. Tais imagens representam o homem primitivo e o espiritualmente regenerado, em tudo consubstancial àquele homem (V, 8. 10).¹⁵

Também conheceram o *Asclépio* Lactâncio,¹⁶ Santo Agostinho e Zósimo¹⁷ e da mesma maneira Fírmico Materno, astrólogo romano e hermetista do Séc. IV (que se envaidece de haver transcrito as revelações de Hermes), São Cirilo de Alexandria,¹⁸ Miguel Pselos.¹⁹ Na *Cidade de Deus* (livro VIII, 23), Agostinho (354-430: *Confissões, De Trinitate, Questões sobre o Heptateuco, Sobre a origem da alma, Sobre a presença de Deus, etc.*) refere-se ao *Asclépio* e ao famoso tema das estátuas animadas: "de modo diverso sentiu e escreveu deles Hermes, egípcio, a quem chamam Trismegisto; pois Apuleio, mesmo que conceda que não são deuses, mas dizendo que são mediadores entre os deuses e os homens, de modo que são necessários aos homens para o tratamento com os próprios deuses, não diferencia seu culto da religião dos deuses superiores. Mas o egípcio diz que há uns deuses que os fez o supremo Deus, e outros que os fizeram os homens." A crítica de Agostinho ao *Asclépio* é muito violenta e segue até o final do livro VIII. Proclo, por outra parte em sua *Teologia Platônica* (livro I, 1) diz: "... que foram seus discípulos e que alcançaram tal perfeição que podemos compará-los a estátuas".²⁰ Nesse mesmo tratado (I, 29) Proclo compara os Nomes divinos com essas estátuas: "Posto que produz os nomes dessa maneira, nosso conhecimento científico os apresenta a este último nível como imagens dos seres divinos; efetivamente, produz cada nome como uma estátua dos deuses, e o mesmo que a teurgia, mediante certos sinais simbólicos, invoca a bondade generosa dos deuses em vista da iluminação das estátuas confeccionadas artificialmente, igualmente o conhecimento intelectual relativo aos seres divinos, mediante composições e divisões de sons articulados, revela o ser oculto dos deuses." Estes discípulos também aparecem no texto das *Argonáuticas Órficas*, obra provavelmente do séc. IV atribuída a Orfeu, onde se narra o mito dos Argonautas (outras que tratam o tema são atribuídas ao Apolônio de Rodes, e a Valério Flaco): "Contemplei à ilustre e tríplice descendência do Hermes..." (Gredos, Madrid 1987). Isidoro de Sevilha (560?-636) escreve em suas *Etimologias* (Livro VIII, 49):

O nome grego de Hermes deriva de *hermeneia*, que o latim traduz por 'intérprete'. Por seu poder e conhecimento de numerosas artes é conhecida como *Trismegisto*, quer dizer, "o três vezes máximo".

Igualmente se afirma que Valentin, o melhor representante do pensamento gnóstico cristão, conhecia estes textos,²¹ e ainda que o autor do prólogo do evangelho de São João estava impregnado da atmosfera de muitos destes escritos, assim como o autor ou autores do livro da *Sabedoria* bíblico, um manuscrito grego do primeiro século de nossa era. Outra obra que devemos mencionar são *Os hinos Órficos* e duas coleções: os *Oráculos Caldeus*,²² e a chamada *Textos de Magia em papiros gregos*,²³ obtidos estes últimos do século XVIII em Tebas e El-Fayum e que estão depositados em várias bibliotecas européias, manuscritos na mesma época que os *Hermetica* e escritos em copta.²⁴ Anotemos que a palavra caldeu era sinônimo do teurgo, assim como se costumou associar este último termo, de igual modo, ao de hermetista; voltaremos mais adiante sobre isso.

A influência dos *Hermética* parece ter sido também muito importante no Islã, já que foram conhecidos e citados os textos filosóficos, e os livros médicos, astrológicos, mágicos, e em geral aquilo que na atualidade pode considerar o Hermetismo. O pensamento hermético penetra no Islã por várias direções e não só através dos escritos gregos, mas também por meio de seitas sírias, como a dos sabeus, e da astrologia sânscrita conhecida em Bagdá no Séc. VIII e exposta por Kanata, um hindu. Imediatamente, Hermes foi identificado com Idris e por certo com Enoque e Agathodaimon, conhecidos em muitos países do Islã tal como Seth. Também se pensava que era contemporâneo do surgimento das Plêiades, no ponto vernal, que 3.300 anos antes de nossa Era tinha sido o ponto de partida do calendário egípcio; igualmente encabeçava com seu nome (Thot) o primeiro mês de dito calendário. Deste modo deve se destacar que uma das pirâmides era e é considerada como a "tumba de Hermes" (o nome árabe para pirâmide é *haram*), não porque ali jazia seu corpo que, idêntico a Enoque, foi levado ao céu e não morreu (assunto que, por outra parte, sucede com o Hermetismo), senão que nesse lugar jazem enterrados, ou melhor, ocultos, os grandes segredos da Ciência Sagrada, seus mistérios e revelações.²⁵

Numerosos são os textos da literatura hermética árabe que subsistem atribuídos a Hermes Trismegisto. Jean Doresse²⁶ limita-se a citar três exemplos chaves:

1. "*O Livro do segredo da Criação*, compilado por volta do 825 –na época, pois, em que as doutrinas sabéias e a astrologia hermética indianizada reforçavam, em Bagdá, as sobrevivências diretas– foi extraído de um tratado de Hermes *Sobre as causas...* e atribuído ficticiamente ao Apolônio de Tiana, chamado em árabe Balinus. Oferece como motivo de duplo interesse, uma exposição da criação e o

célebre relato do descobrimento da *Tábua de Esmeralda*."

2. "*Turba philosophorum*, segundo sua tradução latina medieval, é uma compilação, sem dúvida diretamente elaborada em árabe, em que se incluem fragmentos dos *Physika* e *Mystika* democriteus. O relato pretende ser a narração de uma reunião dos grandes filósofos da Antigüidade, presididos por Pitágoras, que é apresentado como discípulo de Hermes: nela, os reunidos intercambiam suas idéias sobre a criação, antes de passar a discutir os temas alquímicos."

3. "*A meta dos sábios*, manual de astrologia talismânica, inspirado em fontes sabéias, que data do século XI; obra fictícia de Hipócrates, cujo nome, deformado pelo árabe e transformado de novo na tradução latina, ficou convertido em Picatrix, nome com o qual é conhecida a própria obra."

Com respeito ao descobrimento da *Tábua de Esmeralda* expressaremos que Titus Burckhardt em seu livro *Alquimia*,²⁷ assinala que:

... a mais antiga referência a ele foi achada num escrito de Dyâbir Ibn Hayyân, do século VIII e sua versão latina era conhecida já por Alberto Magno.

Para terminar com o hermetismo islâmico citaremos de Henri Corbin, reconhecido especialista, algumas passagens de sua *História da Filosofia Islâmica*²⁸:

... os sabeus de Harran faziam chegar sua linha genealógica a Hermes e Agathodaimon. Seu mais célebre doutor, Thâbit ibn Qorra (288/901), escreveu em siríaco e traduziu ao árabe um livro das *Instituições de Hermes*. ... De fato, a filosofia hermética se considera uma *hikmat ladonîya*, uma sabedoria inspirada, quer dizer uma filosofia profética.

Tal como muitas "grandes personalidades" da época, o filósofo iraniano Sarakhshî (†286/899), aluno do filósofo al-Kindî, era shiíta ou passava por tal. Sarakhshî tinha escrito uma obra (hoje perdida) sobre a religião dos sabeus. Seu mestre, al-Kindî, tinha lido igualmente o que Hermes ensinava a seu filho (referência implícita, sem dúvida, ao "Poimandres"), relativo ao mistério da transcendência divina, e afirmava que um filósofo muçulmano como ele não teria podido expressá-lo melhor.

Os neoplatônicos do Islã, que levam a cabo a síntese de especulação filosófica e experiência espiritual, reivindicam para si uma cadeia iniciática (*isnâd*) que se remonta a Hermes: assim o fizeram, por exemplo, Sohrawardî (587/1191) e Ibn Sab'in (†669/1270).²⁹

Como vemos, no Islã Hermes e o hermetismo sofreram diversas

transformações, tanto o nome do deus, quanto sua forma segundo se adapta a lugar e tempo, ou a determinados grupos centralizados em tal ou qual mestre, embora sempre mantendo suas características de "inventor" da palavra, educador, psicopompo e energia versátil que sabe adaptar-se às circunstâncias espaço-temporais e particulares, sem que esta plasticidade altere seu caráter fundamental de intermediário, de mensageiro dos deuses, númen tutelar de toda invocação que se dirija ao Deus Desconhecido, a sua ocultação e revelação.

Para o Islã era também claro o que hoje em dia se estabeleceu abundantemente: a relação destes livros com o Egito, de onde se recebeu um fundo mitológico, cosmogônico e soteriológico de base, tal como fórmulas médicas, astrológicas e mágicas que adquirem a forma de uma Filosofia, ou melhor, de uma Gnose, no período greco-romano desse país e deve se estender por todo o Mediterrâneo até Roma e, inclusive, até a Pérsia e a Índia. Portanto a investigação pode seguir os rastros e traçar um panorama desta antiga concepção teosófica egípcio-grega e pagã que subsistiu e se testemunha na Alexandria nos primeiros séculos de nossa era e que, graças a sua expansão para e em Roma (como o cristianismo), subsistiu em forma mais ou menos oculta e subterrânea até o presente no Ocidente;³⁰ não são só lendas as viagens de Pitágoras e de Platão ao Egito narradas por Jâmblico e outros autores antigos.

O *Corpus Hermeticum* sustenta que entre o *Noûs* e o homem não há intermediários posto que é o *Noûs* do homem que se revela a si mesmo. A única mediação é a da Inteligência que ilumina esta relação estabelecida sempre, possibilidade que todo homem leva em si. É por isso que a Tradição Hermética não constitui nem constituiu uma religião, com autoridades por um lado e fervores pelo outro, o que não tira o reconhecimento das hierarquias divinas, tema fundamental no Hermetismo, nem tampouco determinados cultos particulares ou grupais realizados segundo a estrutura cósmica, outra das matérias próprias da Tradição Hermética e da Maçonaria. Por isso é também óbvio que não haja ministros, nenhuma autoridade comum, nenhuma doutrina vista de um só ponto de vista dogmático, nem ninguém que possa adotar a paternidade destes ensinamentos.

Por outra parte, é evidente que sem o dogma religioso e o aparato eclesiástico de um lado, e de outro a carência de grupos específicos "autorizados", a iniciação se deixa a cargo do individual, quer dizer às pessoas postas sob a avocação de Hermes, ou seja àqueles buscadores do Conhecimento e da Sabedoria, Adeptos aos Mistérios da Ciência Sagrada, recipiendários de uma Influência Espiritual vinda das mais remotas origens (verticais e horizontais) e que, feito uma corrente de

ouro, prolonga-se, sempre nova, incólume, até nossos dias, que se pode perceber inclusive em sua projeção histórica e nos documentos espirituais-intelectuais que a abonam. Nesta questão das cerimônias coletivas o hermetismo não só difere do cristianismo, que hoje inclusive renega todo esoterismo, mas também das outras religiões do livro (embora nelas também esteja contemplada a figura do "solitário")³¹, mas não do Taoísmo, e outros numerosos modos tradicionais e arcaicos de Conhecimento, vivos e mortos, que têm tantas formas iniciáticas quanto iniciados. Mas isso não impede tampouco que ao longo de sua história tenha tomado diversas maneiras, como é o caso de numerosas escolas e grupos no passado e como aconteceu na Idade Moderna com a Maçonaria, cuja origem Hermética –baseada desde o começo na quase assimilação do nome Hiram com o de Hermes, sendo HRM a raiz comum–, cabalística, astrológica, pitagórica, construtiva e alquímica é indiscutível já que se encontra presente em seus mesmos símbolos e ritos conformando seu próprio andaime, e inclusive a totalidade de seu edifício. Neste ponto anotaremos que o Mestre interno, do que de uma ou de outra maneira falam todas as tradições, revela-se diretamente na Tradição Hermética, e tão generosa possibilidade lhe é proporcionada por Deus mesmo, capaz não só de gerar o mundo mas também de criar ao homem pneumático, ao Verdadeiro *Anthropos*. Supõe-se que aquele que recebeu tal presente (que imaginamos é muito grande para qualquer) é para a Tradição Hermética, um gnóstico. Entretanto o Hermetismo e o *Corpus Hermeticum* são duas coisas diferenciadas, embora com muito estreito contato entre si, já que o último codifica uma série de idéias, imagens e formas de um tipo de pensamento baseado em análogas premissas, que por sua vez outros grupos conhecem, à par que são transmissoras de sabedoria e de uma influência espiritual que muitas vezes cristaliza em métodos de trabalho no caminho iniciático. Em todo caso, o que fica claro, é que nenhum hermetista utilizou os textos do *Corpus Hermeticum* –inclusive muitos deles não os conheceram– como uma "bíblia", senão mais como uma fonte permanente de inspiração e um compêndio de sabedoria.³²



Histoire de la vie, miracles, enchantements et prophécies de Merlin, Paris 1498

De fato o *Corpus Hermeticum* é perfeitamente compatível com o resto dos *Hermetica*, assim como com os desenvolvimentos que alquimistas, filósofos, astrólogos, cabalistas os teurgos, artistas da pedra, ou Adeptos ao Conhecimento manifestaram posteriormente, embora em alguns casos não os conhecessem de maneira direta, tal a energia-força que a influência tradicional do Hermetismo é capaz de transmitir, às vezes através de "inocentes jogos mágicos" como é o caso do Tarot, chamado às vezes "o livro de Toth".

O certo é que os livros que formam o *Corpus Hermeticum* (*Poimandres*, *Asclépio*, *Extratos de Estobeu*) têm uma unidade em seu conjunto: o *Asclépio* pode, ele só, dar conta disso. Não acontece o mesmo com o *Poimandres* em sua totalidade, embora haja alguns livros que o compõem que formam um bloco, e fica algum outro que está mais relacionado com este ou com aquele; entretanto há uma unidade entre eles, assim como entre o *Poimandres* e o *Asclépio* e ambos com os *Extratos de Estobeu*, participando de uma atmosfera, uma linguagem, e um desenho que também está presente na *Tábua de Esmeralda* e em geral em toda a literatura hermética.³³ Também no substancial concordam as traduções que realizaram L. Ménard, W. Scott e o P. Festugière, e outras mais recentes como a inglesa de B. P. Copenhaver;³⁴ como concordam igualmente no substancial o manuscrito latino do *Asclépio* com cuja cópia se trabalha até hoje, com o manuscrito copta do mesmo

nome encontrado em 1945 com o resto da biblioteca de Nag-Hammadi, precisamente no Egito, e traduzido e anotado por P. Mahe.³⁵

Entretanto a relativa homogeneidade do *Corpus Hermeticum* se vê alterada por seu livro X. Este livro é fundamentalmente a pedra de escândalo no *Poimandres*. Efetivamente, para começar, alguns acreditam ter visto uma contradição nele ao fazer-se no compartimento 14 ao homem filho do Cosmo e não de Deus, quer dizer, neto do *Noûs*, e não seu filho, como se diz claramente no livro I, e se repete ou se faz referência a isso com o passar do *Corpus*.

Isto deve se ressaltar completamente, posto que o homem do qual aqui se trata é o ser humano individual, não o Arquétipo incriado do Homem, o *Anthropos* ou Homem Universal ao qual se refere o 1.º livro (12 e subseqüentes até 17), e portanto é também filho do Cosmo já que sua matéria foi extraída dele, posto que é análogo ao mesmo, e embora filho de Deus de modo direto também pode ser considerado seu neto no sentido de um maior afastamento ou obnubilamento do *Noûs* devido a sua maior aproximação à substancialidade, ao se considerá-lo também filho do Demiurgo, e portanto partícipe da matéria do Cosmo. O mesmo acontece com a Natureza que, no primeiro livro, é vista igualmente como arquetípica e incriada, quer dizer, a Substância Universal (nesse caso o *Noûs*-Deus seria a primeira hipóstase, o *Noûs*-cosmo-demiurgo a segunda e o Homem a terceira), mas que é considerada de maneira material no livro III, 1.

Na realidade, este livro X de que falamos, chamado às vezes **X A Chave**, parece obra de outra mão e seu estilo é muito mais grosseiro e abrupto que o resto como o afirma em nota W. Scott.³⁶ Na parte 7 se diz textualmente:

Pois numerosas são as metamorfoses dessas almas: as de umas para uma sorte mais feliz, as de outras para uma sorte contrária: porque as almas reptantes passam a animais aquáticos, as almas aquáticas a animais terrestres, as almas terrestres a voláteis, as almas aéreas a homens ...

O que, além de ser uma prefiguração das teorias evolucionistas, que pretendem que as espécies não são fixas, não é uma doutrina Hermética propriamente dita se a tem de uma maneira não alegórica, e não se repete ao longo desta obra, nem de outros tratados postos sob a avocação de Hermes. De todas as maneiras, no parágrafo 19 se sublinha que nenhuma alma humana pode encarnar num corpo animal. O que é definitivamente contrariado no parágrafo 8 onde se afirma que a alma do ímpio segue

uma ordem involutiva:

... senão que, voltando atrás, percorre ao inverso o caminho que seguiu, que conduz até os répteis.

Pessoalmente pensamos que esta contradição num mesmo texto, a poucas páginas de onde se afirmava o oposto, foi uma das causas mais importantes da subestimação atual do *Poimandres* entre os estudiosos.

Na realidade, a afirmação veemente de 19: a alma humana não reencarna de maneira animal, que contradiz a teoria evolucionista-involucionista de 7-8 é igualmente própria do hermetismo posterior ao *Corpus*. Nesse caso o que se descreve ali (7-8) poderia também ser uma utilização metafórica da linguagem aonde se queria dar uma visão da Alma Universal cuja energia se individualiza num ser que –análogo aos macrocosmos– tem componentes universais que correspondem a estados distintos do Ser Universal. Entretanto não se mencionam outros "reinos" onde a alma possa encarnar, como o mineral, ou melhor, no vegetal, que a simples vista está animado. No animal coincide com o dito por Porfírio a respeito de Pitágoras, em sua *Vida do Pitágoras*:

... era especialmente notória sua afirmação de que a alma, em primeiro lugar era imortal, e logo se trasladava a outras espécies de seres vivos, ... também assegurava que tudo o que de índole animada existia era necessário se considerar da mesma parentela" ...

Por outra parte, tanto na obra de Porfírio, como na de Jâmblico, do mesmo título, destaca-se uma particular relação com os animais (Jâmblico XIII, 60; Porfírio 23-25). Quanto a sua lembrança de vidas passadas estes autores são unânimes em destacá-lo, e era tão óbvia sua crença que, refere-se, interrogava às pessoas sobre esse tema. Quanto a Platão, citamos aqui alguns parágrafos com os quais fecha o *Timeu*²²:

A espécie terrestre e bestial nasceu dos que não praticavam absolutamente a filosofia nem observavam nada da natureza celeste porque já não utilizavam as revoluções que se encontram na cabeça, mas sim tinham como governantes às partes da alma que aninham no tronco. Por causa destes costumes, inclinaram os membros superiores e a cabeça para a terra, empurrados pela afinidade, e suas cabeças obtiveram formas alargadas e múltiplas, conforme tivessem sido comprimidas as revoluções de cada uma pela inatividade. Por esta razão nasceu o gênero dos quadrúpedes e do de pés múltiplos, quando deus deu mais pontos de apoio aos mais insensatos, para arrastá-los mais para a terra. Aos mais torpes entre estes, que inclinavam todo o corpo para a terra, como já não tinham nenhuma necessidade de pés os engendraram sem pés e arrastando-se sobre o

chão. A quarta espécie, a aquática, nasceu dos mais carentes de inteligência e mais ignorantes; aos que, quem transformava os homens, não se consideraram nem sequer dignos de ar puro, porque eram impuros em sua alma devido à absoluta desordem, senão que os empurraram a respirar água turva e profunda em vez de ar suave e puro. Assim nasceu a raça dos peixes, dos moluscos e dos animais aquáticos em geral, que receberam os habitáculos extremos como castigo por sua extrema ignorância. Desta maneira, todos os animais, então e agora, convertem-se uns em outros e se transformam segundo a perda ou aquisição de inteligência ou demência.

Isto, da mesma forma, pode ser tomado literalmente ou de modo metafórico ou alegórico como uma imagem da degradação da alma que cai na materialidade numa descida através de diferentes espécies animais.

Por sua parte Plotino em seu *Enéadas* também parece acreditar em transmigrações para o animal, poder-se-ia dizer que de modo quase literal:

... quantos viveram só pela sensação, renascem animais; ... e à sanção das almas que se reencarnam em bestas, quem assiste? Alguém inferior a um demon? (*III* 4.2, 15-20; e 6, 15-20).

Por isso a possível leitura alegórica do *Poimandres* X, 7-8 no sentido de que a alma do homem participa da Alma Universal e como ela, devido à analogia macro-microcosmo, conhece estados que compartilha com o Universo, já que ambos participam de um mesmo projeto, –idéia que está presente em outras partes do *Corpus*– não é tampouco clara, embora isso não quer dizer que forçosamente se tenha que tomar como literais às metamorfoses hierárquicas descendentes que são descritas. O certo é que este tipo de crença era habitual, em geral, nos meios neoplatônicos e neopitagóricos onde presumivelmente se originou o *Corpus Hermeticum*.

Deve-se destacar que tanto para o pensamento hermético, quanto para as doutrinas tradicionais em geral a transmigração da alma é considerada de modo vertical e associada sempre com a transmutação que esta sofre no processo Alquímico onde conhece outros estados do Ser Universal. Isto se deve à Tradição Hermética considerar sempre o estado e tempo presente como condição dessa transmutação, reflexo do Eterno Presente, onde tanto o passado como o futuro são inexistentes. Não há outra alternativa que assumir hoje o processo vital e encarná-lo sacudindo-se os indefinidos sonhos, as ilusões e os condicionamentos, e enfrentar

agora mesmo a Iniciação, única e verdadeira realização do ser humano, totalmente alheia a qualquer colocação ou veleidade reencarnacionista.³⁸

(em construção)

NOTAS

- ¹⁰ Plutarco (46-120): *Vidas Paralelas e Moralia*, que inclui o *De Ísis e Osiris*. Nesta escreve: "Conforme se diz, nas obras intituladas 'Livros de Hermes' ao tratar dos nomes sagrados se afirma que o poder que regula a circunvolução do sol é chamado Hórus pelos egípcios, e designado pelos gregos com o nome de APOLO". *Isis y Osiris*, 61. Ed. Glosa, Barcelona 1976, pág. 46.
- ¹¹ Jâmblico (S. I), neoplatônico: "O conjunto foi completamente exposto por Hermes em seus livros." (Jamblique: *Les mystères d'Égypte*. Les Belles Lettres, Paris 1989). "Mas se propuser alguma pergunta filosófica, respondê-la-emos para ti também segundo as antigas estelas de Hermes, que já Platão e anteriormente Pitágoras tinham escrutado para constituir sua filosofia." (*ibid.* I, 1).
- ¹² H. C. Puech, fala-nos de um comentário sobre o *Fedro* do qual é autor Hermias de Alexandria (séc. V) no qual se destaca a Hermes Trismegisto. (Ver *En quête de la Gnose. I La Gnose et le temps*, cap.: "Hermes trois fois incarné". Gallimard, Paris 1978.)
- ¹³ É muito significativo que a Apuleio (114/125?-160/170?) -*De Platão e sua doutrina, Do mundo, Sobre o deus de Sócrates, As Metamorfozes ou O Asno de Ouro*, fosse atribuída a paternidade do *Asclépio*; de fato se o considerava por um lado como um filósofo platônico, tal o fez Santo Agostinho, por outro, como um iniciado egípcio de influências "hermetizantes" e, por último, como um mago, ou melhor, um teurgo, do qual por outra parte foi acusado e teve que defender-se, o que deu lugar a sua obra *Apologia*, sua alegação por escrito de defesa.
- ¹⁴ *Proclus: Sur le Premier Alcibiade de Platon*, T. II, págs 253-254. Les Belles Lettres, Paris 1986. Texto estabelecido e traduzido por A. Ph. Segonds, quem recorda em nota um pouco antes, remetendo-se ao Platão (*Rep.* III 412), a comparação da alma com uma lira da qual música e ginástica são as cordas.
- ¹⁵ Sobre o tema das estátuas mágicas ver Raimon Arola: *Las Estatuas vivas*. Obelisco, Barcelona 1995.
- ¹⁶ Escritor latino cristão (250-325) discípulo de Arnóbio. "Trismegisto, de fato, que investigou –não sei de que modo– quase toda a verdade, descreveu com frequência a virtude e majestade do verbo". *Instituições divinas*, IV 9. 3. "Pois bem, tratava-se de um homem, embora muito antigo e tão instruído em todo tipo de doutrina que seus conhecimentos em muitos temas e artes determinaram que se lhe pusesse o nome de Trismegisto. Escreveu livros e concretamente muitos deles referentes ao conhecimento de temas divinos; ...". *Ibid.*, I 6. 3-4.

- ¹⁷ Zósimo de Panópolis (S. III), filósofo, mago e alquimista. Cita o *Crátera* e outros textos em *A conta final*.
- ¹⁸ Teólogo grego doutor da Igreja (meados do séc. V). Foi patriarca de Alexandria (376-444). Em seu *Contra Julianum*, I 30: "Estimo também digno de memória o egípcio Hermes ao qual seus contemporâneos, como sinal de honra, concederam, diz-se, o título de três vezes grande e ao qual alguns assimilam ao legendário filho do Júpiter e Maia." (F. Bonardel, *L'Hermétisme*, P.U.F., Paris 1985). Também a mesma autora nos fala de que Cícero (102-43 A. C.) em sua *De natura deorum* (III, 22) diz: "Os egípcios lhe chamam Thoth e é com essa mesma denominação que designam o primeiro mês do ano". (*Ibid*).
- ¹⁹ Miguel Pselos (1018-1096) menciona em sua obra a Hermes Trismegisto e seus livros e presta especial atenção aos chamados *Oráculos Caldeus*, aos quais comenta.
- ²⁰ *Proclus: Théologie platonicienne. Livre I*. Les Belles Lettres, Paris 1968.
- ²¹ Segundo Bentley Layton, em seu livro *The Gnostic Scriptures* (Doubleday & CO., New York 1987, intr. pág. xVI), uma das duas correntes mais importantes do pensamento de Valentin, por sua vez o mais importante dos teógonos do pensamento gnóstico, foi constituída pelos escritos Herméticos. Ver também A. Orbe S. J., *Teología de San Ireneo*, BAC, Madrid 1985-88, 3 vol.
- ²² Ver *Oracles Chaldaïques*, tradução, comentários e notas E. Les Places. Les Belles Lettres. Paris 1989. Há versão castelhana com introdução, comentário e notas do F. García Bazán (Ed. Gredos. Madrid 1991). Observe-se a analogia destes textos com alguns papéis dos *Hermética* com os quais compartilham fundamentalmente a mesma cosmogonia, embora ambos os ensinamentos se acham muito diferenciadas entre eles dado o caráter incompleto, misterioso e oracular dos textos "caldeus", mas com elementos comuns, também presentes nas gnoses, dualistas ou não, no neoplatonismo, e no cristianismo, sem nomear outras correntes orientais coincidentes –fora do Egito e Caldéia– na época alexandrina como o hinduísmo e inclusive o budismo.
- ²³ Edição castelhana com introdução, tradução e notas de J. L. Calvo y M^a D. Sánchez. Ed. Gredos. Madrid 1987.
- ²⁴ No livro citado na nota anterior, coleção de documentos dos primeiros séculos da era cristã, Hermes é chamado "fundador dos deuses", fala-nos também de um Hermes subterrâneo e se lhe chama como Trismegisto, o Deus de grande pensamento (papiro VII, 29-550); igualmente, fala-se do coração de Hermes associando-o ao "orvalho de todos os deuses" e como fundador da língua, e se lhe invoca para práticas mágicas que vão do pedido de uma iluminação ou um sonho até um encantamento para apanhar um ladrão.
- ²⁵ Ver R. Guénon: "La Tumba de Hermes", trad. em *Symbolos* n° 17-18, 1999.
- ²⁶ Ver Jean Doresse: *Historia de las Religiones*, dirigida por H. Ch. Puech. Tomo 6, cap. "El Hermetismo Egipcianizante". Siglo XXI, Madrid 1979.

- ²⁷ *Alquimia*. Titus Burckhardt. Ed. Paidós, Barcelona 1994; pág. 187. [Ver também, de outra autoria, *Hermès Trismégiste: La Table d'Émeraude et sa tradition alchimique*. Les Belles Lettres, Paris, 1994, préface de D. Kahn].
- ²⁸ *Historia de la Filosofía Islámica*, Henry Corbin. Ed. Trotta, Madrid 1994. "É impossível citar aqui os títulos das obras que figuram na tradição hermética do Islã: tratados atribuídos a Hermes, a seus discípulos (Ostanés, Zósimo, etc.), traduções..." "Não obstante, é preciso mencionar de forma particular o título de duas grandes obras herméticas árabes: 1) *O Livro secreto da Criação e técnica da Natureza (sirr al-khâlîka)* foi elaborado sob o califa Ma'mûn (†218/833) por um muçulmano anônimo que o pôs sob a denominação de Apolônio de Tiana. É o tratado que termina com a célebre 'Tábua de Esmeralda', *Tabula Smaragdina* (deve se relacionar com o *Livro dos tesouros*, enciclopédia de ciências naturais, redigida na mesma época por Job de Edessa, médico nestoriano da corte abássida). 2) *O objetivo do sábio (Ghayât al-Hakîm*, erroneamente atribuído a Maslama Majrîfî, †398/1007). Este tratado contém, além de informações muito valiosas sobre as liturgias astrais dos sabeus, todo um ensinamento sobre a 'Natureza Perfeita', atribuída a Sócrates." "A visão que Hermes teve de sua Natureza Perfeita é comentada por Sohrevardî, e depois dele por toda a escola *ishrâqî* (*infra*, VII), até o Mollâ Sadrâ e os discípulos de seus discípulos." "pode-se seguir o rastro da 'Natureza Perfeita' sob outros nomes: é a ela a quem busca o peregrino das epopéias místicas persas de 'Attâr; voltamo-la a encontrar na escola de Najm Kobrâ, designada como 'Testemunha do Céu' ou 'guia invisível'." "É sem dúvida graças ao hermetismo que toda uma estirpe de sábios do Islã pôde tomar consciência desse 'eu celeste', 'eu em segunda pessoa', que constitui o fim de sua peregrinação interior, quer dizer, de sua realização pessoal." (P. 125-126). O mesmo poderia afirmar-se daqueles que puderam aceder à sabedoria hermética por meio da Maçonaria e seu rito.
- ²⁹ Com respeito a Sohrevardî, notável metafísico islâmico Henri Corbin em outra obra, *O homem e seu anjo*, diz-nos: "Três grandes nomes elogiados em sua obra como profetas guiam a inspiração de Sohrevardî: Hermes, Zoroastro e Platão".
- ³⁰ Para a cosmogonia egípcia ver Lucie Lamy: *Misterios egípcios* (Ed. Debate, Madrid 1989), e Manfred Lurker: *An Illustrated Dictionary of The Gods and Symbols of Ancient Egypt* (Thames & Hudson, London 1995); também *Sacred Science, The King of Pharaonic Theocracy*, R. A. Schwaller de Lubicz. Inner Traditions International, N. York 1982, *Le Calendrier Egyptien, une Oeuvre d'Eternité*, Dr. A. S. von Bomhard, Periplus Publishing, London 1999, Prefácio de Jean Yoyotte; etc.
- ³¹ No Islã estes "solitários" estão diretamente vinculados com os *âfrad*, que estão sob o amparo de *El-Khidr*. Esta entidade, que está viva, pode ser associada ao profeta Elias que também permanece vivo (Elias Artista é um dos patronos da Alquimia), tal como Enoque, que foi arrebatado ao céu num carro de fogo sem passar pela morte, o qual é por sua vez o profeta Idris (=Hermes).
- ³² "Ouvi-me, poderosos libertadores! Concedei-me, pela compreensão dos livros divinos e dissipando a treva que me rodeia, uma luz pura e Santa a fim de que possa compreender com clareza ao Deus incorruptível e

também ao homem que eu sou". *Hinos*, IV. Proclo.

- ³³ "A unidade geral das doutrinas expostas nos livros herméticos permite referir-se a uma mesma escola". *Hermès Trismégiste*. Louis Ménard. Guy Trédaniel, Paris 1977.
- ³⁴ *Hermetica*. Brian P. Copenhaver. University Press, Cambridge 1995. Ed. castelhana, *Corpus Hermeticum y Asclepio*: Siruela, Madrid 1999.
- ³⁵ Pierre Mahe. *Bibliothèque Copte de Nag Hammadi*. 2 T. Les Presses de l'Université Laval, Quebec 1978-82. Há também tradução inglesa: *The Nag Hammadi Library*, J. M. Robinson (ed.). HarperCollins, N. York 1990. A lista completa dos textos herméticos desta biblioteca que J. Doresse –a quem seguimos nisto– chama de Khenoboskion, inclui vários títulos fora o Asclépio 21-29. Ver *L'Évangile selon Thomas*. Editions du Rocher, Paris 1988.
- ³⁶ Walter Scott. *Hermetica*. Shamballa, Boston 1993.
- ³⁷ (*Timeu* 91-92). *Diálogos*, vol. VI. Gredos, Madrid 1992.
- ³⁸ Ver para este tema: René Guénon. *L'Erreur Spirite*, cap. "La réincarnation". Ed. Traditionnelles, Paris 1991, e Ananda K. Coomaraswamy, *What is Civilization?* caps. 6, 7 e 8.

TRADIÇÃO HERMÉTICA E MAÇONARIA (1)

FEDERICO GONZALEZ

No antigo manuscrito maçônico Cooke, (cerca de 1.400) da Biblioteca Britânica, lê-se nos parágrafos 281-326 que toda a sabedoria antediluviana foi escrita em duas grandes colunas. Depois do dilúvio de Noé, uma delas foi descoberta por Pitágoras, a outra por Hermes, o Filósofo, que se dedicaram a ensinar os textos ali gravados. Isto se encontra em perfeita concordância com o testemunhado por uma lenda egípcia, da qual já dava conta Manethon, segundo o mesmo Cooke, vinculada também com Hermes.

É óbvio que essas colunas, ou obeliscos, semelhantes aos pilares J. e B., são as que sustentam o templo maçônico e, ao mesmo tempo, permitem o acesso ao mesmo e configuram os dois grandes afluentes sapienciais que nutrirão a Ordem: o hermetismo, que assegurará o amparo do deus através da Filosofia, quer dizer do Conhecimento, e o pitagorismo, que dará os elementos aritméticos e geométricos necessários, que reclama o simbolismo construtivo; deve-se considerar que ambas as correntes são direta ou indiretamente de origem egípcia. Igualmente que essas duas colunas, são as pernas da Mãe loja, pelas quais é parido o Neófito, quer dizer pela sabedoria de Hermes, o grande iniciador, e por Pitágoras, o instrutor gnóstico.

De fato, na mais antiga Constituição Maçônica editada, a de Roberts publicada na Inglaterra em 1722 (portanto anterior à de Anderson), mas que não é mais que a codificação de antigos usos e costumes operativos que derivam da Idade Média, e que serão desenvolvidos posteriormente na Maçonaria especulativa, menciona-se especificamente a Hermes, na parte chamada "História dos Franco-maçons". Efetivamente, ali aparece na genealogia maçônica com esse nome e também com o de Grande Hermarmes, filho de Sem e neto de Noé, que depois do dilúvio encontrou as já mencionadas colunas de pedra onde se achava inscrita a sabedoria antediluviana (atlântica) e lê (decifra) numa delas o que em seguida ensinará aos homens. O outro pilar, como se mencionou, foi interpretado por Pitágoras enquanto pai da Aritmética e da Geometria, elementos essenciais na estrutura da loja, e portanto ambos os personagens formam, como vimos, a "*alma mater*" da Ordem, em particular em seu aspecto operativo, ligado às Artes liberais.

No manuscrito *Grand Lodge n° 1* (1583) só subsiste a coluna de Hermes, reencontrada pelo "Grande Hermarines" (a quem se faz descendente de Sem) "que foi chamado mais tarde Hermes, o pai da sabedoria". Note-se que Pitágoras não figura já como o intérprete da outra coluna. No manuscrito *Dumfries n° 4* (C. 1710) também aparece, como "o grande Hermorian", "que foi chamado 'o pai da sabedoria' ", mas, neste caso, retificou-se sua origem de acordo com o texto bíblico que o faz descendente de Cam e não de Sem, por intermédio de Kush; como diz J.-F. Var em *La franc-maçonnerie: documents fondateurs*, Ed. L'Herne, P. 207, N. 33: "Agora, na Gênese (10, 6-8), Kush é o filho de Cam e não de Sem. O redator do *Dumfries* retificou conseqüentemente a filiação. Ao mesmo tempo, esta filiação resulta em ser a que a Escritura dá com relação a Nemrod. Daqui a assimilação de Hermes com Nemrod, contrariamente a outras versões que fazem deles dois personagens distintos."

Assim o destaca também o manuscrito chamado *Regius*, descoberto por Haliwell, no Museu Britânico em 1840, ao qual reproduz J. G. Findel na *História Geral da Franco-maçonaria* (1861), em sua extensa primeira parte que trata das origens até 1717, embora nele não se inclua Pitágoras como o hermeneuta que, junto com Hermes, decifra os mistérios que serão herdados pelos maçons, senão a Euclides, a quem se faz filho de Abraão; a este respeito, deve se recordar que o teorema do triângulo retângulo de Pitágoras foi enunciado na proposição quarenta e sete de Euclides.

O mesmo Findel, referindo-se à quantidade de elementos gnósticos e operativos que constituem a Maçonaria, e concretamente ocupando-se

dos canteiros alemães, afirma: "Se a conformidade que resulta entre o organismo social, os usos e os ensinamentos da franco-maçonaria e os das companhias de maçons da Idade Média já indica a existência de relações históricas entre estas diversas instituições, os resultados das investigações feitas nos arcanos da história e o concurso de uma multidão de circunstâncias irrecusáveis estabelecem de modo positivo que a Sociedade dos Franco-maçons descende, direta e imediatamente, daquelas companhias de maçons da Idade Média." E adiciona: "a história da franco-maçonaria e da Sociedade dos Maçons está por isso mesmo intimamente unida à das corporações de maçons e à história da arte de construir na Idade Média; é, pois, indispensável dirigir um rápido olhar sobre esta história para chegar a que nos ocupa."

O interessante destas referências provenientes da Alemanha é que sua *História Geral...* é considerada como a primeira história (no sentido moderno do termo) da Maçonaria, e desde o começo o autor estabelece que: "a história da Franco-maçonaria, assim como a história do mundo, tem sua base na tradição" ¹. Desta forma resulta óbvio que os Antigos Usos e Costumes, os símbolos e os ritos e os segredos do ofício, transmitiram-se sem solução de continuidade desde datas muito remotas e certamente nas corporações medievais, e a passagem do operativo ao especulativo não foi senão a adaptação de verdades transcendentais a novas circunstâncias cíclicas, fazendo notar que o termo operativo não só se refere ao trabalho físico ou de construção, projeção ou planejamento material e profissional das obras, mas também à possibilidade de que a Maçonaria opere no iniciado o Conhecimento, por meio das ferramentas proporcionadas pela Ciência Sagrada, seus símbolos e ritos. Precisamente isto é o que procura a Maçonaria como Organização Iniciática, e o confirma na continuidade da passagem tradicional, que faz com que, igualmente, seja encontrada na Maçonaria especulativa, de modo reflexo, a virtude operativa e a comunicação com a loja maçônica Celeste, quer dizer, a recepção de seus eflúvios que são os que garantem qualquer iniciação verdadeira, principalmente quando os ensinamentos são emanados do deus Hermes e do sábio Pitágoras. ² De todas as maneiras, tanto uma quanto outra são os ramos de um tronco comum que tem os *Old Charges* (Antigos Deveres) como modelo; destes se encontraram numerosos fragmentos e manuscritos em forma de cilindro do século XIV em diversas bibliotecas. ³

Quanto a Hermes, não mencionado nas constituições de Anderson, em particular o Hermes Trismegisto grego (o Thot egípcio), é uma figura tão familiar à Maçonaria dos mais distintos ritos e obediências como o poderia ser para os alquimistas, forjadores da imensa literatura posta sob

seu patrocínio. Não só o Hermetismo é o tema de abundantes pranchas e livros maçônicos, e inumeráveis lojas maçônicas se chamam Hermes, mas também existem ritos e graus que levam seu nome. Assim, há um Rito chamado *os discípulos de Hermes*; outro o *Rito Hermético da loja Mãe Escocesa de Avignon* (que não é a de Dom Pernety), *Filósofo de Hermes* é o título de um Grau cujo catecismo se encontra nos arquivos da "loja dos amigos reunidos de São Luis", *Hermes Trismegisto* é outro grau arcaico do qual nos dá conta Ragón, *Cavaleiro Hermético* é uma hierarquia contida em um manuscrito atribuído ao irmão Peuvret onde também se fala de outro denominado *Tesouro Hermético*, que corresponde ao grau 148 da nomenclatura chamada da Universidade, aonde existem outros como *Filósofo Aprendiz Hermético*, *Intérprete Hermético*, *Grande Chanceler Hermético*, *Grande Teósofo Hermético* (correspondente ao grau 140), *O Grande Hermes*, etc. Igualmente no Rito do Memphis o grau 40 da série Filosófica se chama *Sublime Filósofo Hermético*, e o grau 77 (9ª série) do Capítulo Metropolitano é nomeado *Maçom Hermético*.

Não faltam tampouco na atualidade, em revistas e dicionários maçônicos, referências diretas à Filosofia Hermética e ao *Corpus Hermeticum*,⁴ onde esta se encontra fixada, senão que incluem analogias com a terminologia alquímica; eis aqui um só exemplo tirado do *Dictionnaire de la franc-maçonnerie* de D. Ligou (pág. 571): "Citaremos uma interpretação hermética de alguns termos utilizados no vocabulário maçônico: Enxofre (Venerável), Mercúrio (1.º Vigilante), Sal (2.º Vigilante), Fogo (Orador), Ar (Secretário), Água (Hospitaleiro), Terra (Tesoureiro). Encontram-se aqui os três princípios e os quatro elementos dos alquimistas."

Por isso que Hermes e o Hermetismo são referências habituais na Maçonaria, como o são também Pitágoras e a geometria. Por outra parte ambas as correntes históricas de pensamento derivam através da Grécia, Roma e Alexandria, do Egito mais remoto e por seu intermédio da Atlântida e da Hiperbórea, como em última instância acontece com toda Organização Iniciática, capaz de religar o homem com sua Origem. E naturalmente que esta impressionante genealogia na qual estão compreendidos os deuses, os sábios (sacerdotes) e os reis (tanto de Tiro e Israel, quanto da Escócia: a realeza não desdenhava a construção e o rei era mais um mestre operativo) forma um âmbito sagrado, um espaço interior construído de silêncio, lugar onde se efetivam todas as virtualidades e, assim, pode refletir o Ser Universal de modo especular. A loja maçônica, como se sabe, é uma imagem visível da loja Invisível, como o Logos é o desenvolvimento da Triunidade dos Princípios.

A influência do deus Hermes, e as idéias do sábio Pitágoras não desapareceram totalmente deste mundo crepuscular que habitamos, de fato é tudo o que resta dele; não esqueçamos que os alquimistas equiparam Jesus com o Mercúrio Solar, no Ocidente pelo menos. Por outra parte, talvez sequer pudera ser o mundo sem eles, tanto no aspecto das energias perpetuamente regeneradoras atribuídas a Hermes e sua Filosofia, como o das idéias-força pitagóricas, sem cuja ordem numérica (e geométrica) hoje não seria possível a menor operação.

A deidade é imanente em cada ser, e os Filhos da Viúva, os filhos da luz, re-conhecem-na no interior de sua própria loja maçônica, feita à imagem e semelhança do Cosmo. A raiz H. R. M. é comum aos nomes Hermes e Hiram, e este último forma com Salomão um paredro onde se unem a sabedoria e a possibilidade (a doutrina e o método), destacando-se à Tradição (Cabala) hebraica, em que nasceu Jesus, como a veiculadora desta revelação sapiencial, real, e artística (artesanal), que constitui a Ciência Sagrada, que é aprendida e ensinada por símbolos e ritos na loja maçônica, "livro" cifrado que os Mestres decodificam hoje, tal qual o fizeram seus antepassados no tempo mítico, posto que a Maçonaria não outorga o Conhecimento em si, mas mostra os símbolos e indica as vias para aceder a ele, com a bênção dos ritos ancestrais, que atuam como transmissores mediáticos desse Conhecimento. ⁵

Ou seja, que a atualização da possibilidade, quer dizer, o Ser, a comprovação de que tudo está vivo, de que o Presente é Eterno, a simultaneidade do Tempo, a idéia da Triunidade do Único e Só, formam um Conhecimento ao qual os maçons conduzem pela própria experiência, que proporciona um aprendizado gradual e hierarquizado.

O Mestre Construtor leva sua loja maçônica interior a todas partes, ele mesmo é isso, uma miniatura do Cosmo, desenhada pelo Grande Arquiteto do Universo. Mas a obra está inacabada, necessita-se polir (com Ciência e Arte) sua pedra bruta tal como cinzelou o Criador sua Obra. Os números e as figuras geométricas simbolizam conceitos metafísicos e ontológicos, que também representam realidades humanas concretas e imediatas, tão necessárias como as atividades fisiológicas e, daí por diante, quaisquer outras. O número estabelece idéia de escala, de proporção, e relação; também de ritmo, medida e harmonia, já que são eles os canais que tendem a Unidade para a indefinidade numérica, até os quatro pontos do horizonte matemático e da multiplicidade.

É óbvio que Pitágoras ou Tales de Mileto não "inventou" nada, mas sim reconheceu na série decimal, que retorna a sua Origem ($10 = 1 + 0 = 1$), uma escala natural, uma ascese, que permitisse ao ser humano completar

a Obra e transmutar assim no Homem Verdadeiro, paradigma de todo Iniciado, localizado na Câmara do Meio, entre o esquadro e o compasso. ⁶ Não houve Tradição que não tenha desenvolvido um sistema numérico que lhe servisse como método de conhecimento, em perfeita correspondência com as pautas criacionais. Recordemos que o teto da loja está decorado pelos astros, os Regentes, que governam as esferas celestes e estabelecem os intervalos e as medidas da Harmonia Universal.

Entretanto os maçons não deixaram nunca de reconhecer a frase evangélica: "Na casa de meu Pai há muitas moradas" (João, 14, 2), pois embora saibam que eles têm uma senda aberta diante de si que os conduzirá a seu Pai, não negam outros caminhos nem se opõem a nenhuma via, já que pensam que as estruturas invisíveis são as mesmas, protótipos válidos para todo tempo e lugar, apesar da adaptação constante de distintas formas aptas para diferentes individualidades, a maior parte das vezes determinadas pelos ciclos temporais tal qual poderia ser exemplificado por qualquer organismo vivo, entre eles o ser humano e suas modificações e adaptações ao longo dos anos, ciclos aos quais tampouco a Maçonaria é alheia, como se comprova em sua paulatina transformação concretizada finalmente no século XVIII. E é por essa mesma compreensão de suas possibilidades metafísicas e iniciáticas que a Maçonaria reconhece outras Tradições, e também deixa em aberto o exercício de qualquer crença religiosa, ou pseudo-religiosa, entre seus membros, muitos dos quais conciliam seu processo de Conhecimento, leia-se Iniciação, com a prática de preceitos e cerimônias religiosas exotéricas e legais, que pensam poderem enriquecer sua passagem e o de outros por este mundo. Não há portanto conflito entre Maçonaria e Religião, sempre que não tratem de misturar os conceitos, ou se pretenda, como já aconteceu, que determinados fundamentalistas (religiosos ou não) tentem monopolizar as lojas maçônicas para seu proveito pessoal. De fato, numerosos hermetistas, pitagóricos e maçons foram, e são, perfeitos cristãos, ou grandes cabalistas, e todos eles tiveram os símbolos como seus mestres. A Igreja Católica jamais condenou o Hermetismo, nem Euclides, herdeiro da ciência geométrica pitagórica, e mestre dos maçons, mas teve problemas com a Maçonaria do século XVIII a ponto de condená-la e excomungar seus membros. Entretanto foi sendo produzida nos últimos tempos uma paulatina aproximação entre ambas as instituições, salpicada aqui e acolá por incompreensões e interferências, muitas vezes interessadas. Segundo José A. Ferrer Benimelli, S. J., a revista a *Civilittà Cattolica* de Roma, publicada desde 1852, e que deu seguimento ao tema da Maçonaria até nossos dias, marca em sua evolução este processo de aproximação, ou ao

menos de respeito mútuo. Efetivamente os primeiros artigos são violentos e condenatórios, há um período de transição, e os dos últimos anos, bastante conciliatórios e abertos ao diálogo. ⁷

São numerosos os maçons católicos, muitos deles franceses, que tentam há anos conciliar ambas as instituições e suspender a excomunhão; entretanto há muitos outros autores maçônicos que se integram completamente à Tradição Hermética, com sua Ordem, sem necessidade de um exoterismo religioso, tal o caso de Oswald Wirth, diretor durante muitos anos da revista *Le Symbolisme*, e reconhecido maçom que tem escrito sobre os Símbolos da Tradição Hermética e os símbolos maçônicos, *El Simbolismo Hermético en sus relaciones con la Alquimia y la Masonería*, Saros, Bs. As. 1958 (ver aqui pág. XXX), mostrando muitos aspectos de sua identidade de Origem; quanto a maçons que publicaram nos últimos anos, tanto sobre os distintos graus como acerca dos Números, desejaríamos citar em primeiro lugar a Raoul Berteaux, dentro de um nutrido grupo que tratou amplamente a Aritmosofia, de base pitagórica. ⁸

Hermes, a quem se lhe adjudica o ensino de todas as ciências, gozou de supremo prestígio ao longo de distintos períodos da história da cultura do Ocidente. Isto foi assim entre os alquimistas e os chamados filósofos herméticos, e estas mesmas idéias se manifestaram na Ordem dos Irmãos Rosacruz, influências todas que recolheu a Maçonaria a tal ponto que se lhe pode considerar como um depósito da sabedoria pitagórica e sua transmissora nos últimos séculos, assim como uma receptora dos Princípios Alquímicos, e também das idéias Rosacruz, ⁹ o que é evidente quando à simples vista comprovamos que um dos mais altos graus no Rito Escocês Antigo e Aceito, o 18, denomina-se precisamente Príncipe Rosacruz. Igualmente analogias e conexões com as Ordens de Cavalaria são reclamadas por alguns maçons, concretamente com a Ordem do Templo. Há muitos indícios históricos que mostrariam estas sementes, também tradições e ritos, especialmente uma das palavras de passe no grau 33, mas ficam bastante diminuídos quando se recorda que os Templários eram ao mesmo tempo monges e soldados (embora grandes construtores medievais), o que não guarda relação aparente com a Maçonaria, onde, por outra parte, há destaque para uma influência bem clara do hebraico que já assinalamos no caso de Salomão e da Construção do Templo, e se vê confirmada pela simples comprovação de que quase todas as palavras de passe e grau, segredos sagrados, pronunciam-se em hebraico. ¹⁰

No *Diccionario Enciclopédico de la Masonería* (Ed. del Valle de México, México D. F.), talvez o mais conhecido em castelhano, sob o

título "Hermes" encontramos o verbete correspondente, onde pode apreciar a importância atribuída ao *Corpus Hermeticum* que, em algumas lojas maçônicas sul-americanas, ocupa o lugar da Bíblia como livro sagrado. É conhecida a relação de Hermes com o silêncio, e é costume chamar-se hermético àquilo que se encontra perfeitamente fechado, ou selado. O silêncio deste modo é próprio da Maçonaria e também dos pitagóricos que passavam cinco anos cultivando-o.

Elías Ashmole é também um bom ponto de confluência entre o Hermetismo e a Maçonaria. Este extraordinário personagem, nascido em Lichfield, Inglaterra, em 1617, parece ter desempenhado um papel importante na transição entre a antiga Maçonaria, anterior a Anderson-Desaguliers, e sua projeção histórica posterior, encaminhada para resgatar a maior parte da mensagem espiritual-intelectual, ou seja, gnóstica (no sentido etimológico do termo), das autênticas organizações iniciáticas, entre elas a Maçonaria e a Ordem da Jarreteira. Foi recebido na loja maçônica de Warrington em 16-10-1646, embora segundo seu diário, só foi à sua segunda sessão muitos anos depois, somente. Entretanto, não deve nos chamar a atenção este comportamento numa individualidade como a sua, produto do ambiente da época, onde o culto do segredo e do mistério era habitual por razões óbvias de segurança e de prudência. Em 1650 publica seu *Fasciculus Chemicus* sob o nome anagramático de James Hasolle; trata-se da tradução de textos latinos de Alquimia (entre eles o de Jean d'Espagnet), com sua introdução. Em 1652 edita o *Theatrum Chemicum Britannicum*, uma coleção de textos alquímicos ingleses em verso, que reúne muitas das mais importantes peças produzidas nesse país, e seis anos depois *The Way to Bliss*, ao mesmo tempo em que trabalha em buscas documentais literárias como historiador, e desenvolve sua atividade de antiquário reunindo num museu toda espécie de "curiosidades" e "raridades" relacionadas com a arqueologia e com a etnologia, como igualmente coleções de História Natural, inclusive todo tipo de espécies minerais, botânicas e zoológicas. Na realidade, este último foi o objetivo científico do museu (onde inclusive se realizaram os primeiros experimentos químicos na Inglaterra), que hoje é visitado em suas magníficas instalações de Oxford, mais como Museu de Arte que como instituição precursora da ciência e auxiliar da Universidade. A vida de Ashmole esteve muito unida à de Oxford, e os recursos de suas doações de objetos e manuscritos à instituição de seu nome (onde também se encontram seus jornais redigidos num sistema cifrado e que contêm numerosas notas sobre a Maçonaria) ¹¹ foram muito importantes para essa cidade, dado seu prestígio universitário. Em Oxford, e também em Londres, Ashmole teve um destacadíssimo papel; filho de sua época, entregou-se à ciência

natural e experimental como uma forma da magia das transmutações, tal como numerosos filósofos herméticos. Nesse sentido tratou com Astrólogos, Alquimistas, Matemáticos e todos os tipos de sábios e dignatários da época, junto com os quais formará a *Royal Society* de Londres e a *Philosophical Society* de Oxford. Seus numerosos amigos e companheiros de toda uma vida são nomes de muitíssimo relevo, muitos deles ligados à Maçonaria em seus mais altos graus, como Christopher Wren, ou à investigação e exercício das Artes liberais e da Ciência Sagrada, que formaram um conjunto de personalidades de um papel fundamental em seu tempo, concretamente na difusão e prática da Tradição Hermética e na relação desta com a Maçonaria. Como disse René Guénon ao referir-se ao papel de Ashmole: "Pensamos, inclusive, que se buscou no século XVII, reconstituir a este respeito uma tradição da qual uma grande parte já se perdeu". Neste extraordinário trabalho brilha o nome do E. Ashmole em dois aspectos: como um dos reconstrutores da Maçonaria quanto à relação desta com as ordens da Cavalaria e as corporações de construtores, e igualmente como ponto de confluência com a Tradição Hermética. O mesmo Ashmole se chamava filho de Mercúrio (*Mercuriophilus Anglicus*), e sua obra mais importante, a já mencionada *The Way to Bliss*, 1658, recolhe seus estudos em Filosofia Hermética, conforme indica em sua introdução ao leitor.

Deste modo deve ser destacado que alguns autores fazem muita questão sobre certos temas relacionados com o catolicismo e com o protestantismo no processo de passagem da Maçonaria operativa à especulativa. De fato, acostumou-se a simplificar o assunto dizendo que as corporações operativas eram católicas e as especulativas, posteriores, protestantes. Certamente que, do ponto de vista histórico, estes fatos podem ser mais ou menos "reais", pois a Ordem, como toda instituição, está sujeita a determinados vai-e-véns cíclicos que têm manifestações sociais, políticas, econômicas, etc. Mas do ponto de vista da Maçonaria como organização iniciática, ela não está sujeita ao devir, motivo pelo qual subsistirá até que finalize o ciclo. ¹² Na realidade, a Tradição Hermética (e Hermes mesmo) sofreu inumeráveis adaptações através do tempo, embora jamais deixou de se expressar; e é óbvio que esta Tradição, como os fundamentos da Maçonaria, identificada com a Ciência de Construir, é anterior ao Cristianismo, embora tenha convivido com ele durante vinte séculos, e até produziu hermetistas cristãos e cristãos herméticos (entre estes últimos, dignitários do mais alto nível, papas inclusive), o que não impede que essa Tradição tenha antecedentes claramente pagãos, relacionados com as escolas de mistérios, ou como hoje se as denomina, religiões místicas; portanto, poder-se-ia asseverar

que o hermetismo tem uma vertente pagã e outra cristã. Neste sentido, devemos esclarecer que a palavra pagão soa a nossos ouvidos acostumados ao mais superficial das religiões abraâmicas a maldito, ilegal, bastardo, ou pelo menos a um nebuloso pecado. Também a ignorância atribuída ao atraso de povos que se desconhecem, e que nem sequer interessam. É costumeiro o entendimento do pagão como algo renhido com a opinião civilizada, extremamente primitivo, ou que está contrário ao cristianismo, ou à religião, e portanto fora de toda ordem. Em suma, o paganismo está eliminado previamente, por censura interior, como algo um pouco repugnante, antes de que nos inteiremos que, na realidade, só se trata da sabedoria de indefinidos povos tradicionais que povoaram este mundo antes e durante os só vinte séculos que caracterizam à chamada Civilização contemporânea. ¹³

Supomos que desde este último ponto de vista, quase oficialmente ecumênico, não há nada injurioso em compartilhar o pensamento pagão, como bem o viram dos Pais da Igreja até numerosos sábios, sacerdotes e pastores contemporâneos. ¹⁴

Na verdade para o Hermetismo, anterior historicamente ao Cristianismo, existe uma Cosmogonia Perene, manifestada por sua filosofia e seus escritos, como para o maçom religioso ou não o está em seus símbolos e ritos.

A respeito da relação entre os Franco-maçons e as corporações de construtores e artesãos existem três grandes testemunhos bastante citados como fontes documentais sobre a prática da construção na idade Média. ¹⁵ Nicolá Coldstream as recolhe em seu livro sobre os artesanatos na Idade Média, ¹⁶ onde rechaça a idéia da filiação "fantasmal" da Franco-maçonaria com os construtores e artesãos medievais, (sua simples tese é que os maçons eram operários e não pessoas de gabinete) embora paradoxalmente seu estudo o confirma de diferentes maneiras; assim nos diz referindo-se ao tema:

"Trata-se do documento, redigido pelo abade Suger, que relata a construção do novo coro da abadia de Saint-Denis; do manuscrito, datado cerca 1200, do monge Gervais do Canterbury, sobre o incêndio e a reparação da catedral de Canterbury, e do *Album* de Villard de Honnecourt, conjunto de desenhos e de planos de edifícios, molduras e tornos elevadores. Dos três, o texto do Suger nos informa mais sobre o homem e da decoração de sua igreja que sobre o edifício, embora faça, de passagem, algumas alusões preciosas sobre sua construção. O exame atento do *Album* de Villard de Honnecourt nos permite duvidar seriamente de que este tenha construído alguma vez Igrejas e de que

tenha tido algum conhecimento de arquitetura; quanto a seus desenhos, embora sejam interessantes, não seriam entretanto os de um arquiteto ou os da oficina de um maçom. O texto de Gervais, pelo contrário, é o único documento medieval que descreve uma equipe de maçons trabalhando; proporciona numerosas informações sobre a prática dos maçons e alguns métodos de construção."

Interessa-nos especialmente a referência ao *Album* de Villard de Honnecourt. Efetivamente, não é a primeira vez que se destacam certas características sobre o fato de que este caderno não é um manual de tecnologia aplicada, senão completamente outra coisa, muito mais ligada com as propostas da Filosofia Hermética que se anotam para uso dos mestres de obras.¹⁷ E o fato de que exista um documento deste tipo (mais de gabinete que outra coisa) é uma prova de que a especulação sobre o simbolismo e a linguagem hermética em sua versão cristã já tinham cultores a princípios do século XIII, que vê nascer, entre outras, as catedrais de Chartres e de Reims.

Muito se tem escrito sobre este tema e fica aberto o debate; o investigador tirará suas próprias conclusões, mas não poderá ignorar a Tradição oral, e sua filiação universal com o Simbolismo Construtivo, que tanto pode manifestar-se no Extremo Oriente, como no Egito ou na América Central; nos "*collegia fabrorum*" romanos, ou nas corporações medievais, às quais se acostumaram considerar fazendo abstração de qualquer referência iniciática ou ligada aos Franco-maçons como fechadas e ao mesmo tempo depositárias de conhecimentos relativos ao "ofício", que se transmitiam por símbolos e termos de uma linguagem cifrada.

Não obstante deve-se fazer a ressalva de que a influência da Filosofia Hermética, por um lado, e por outro a das corporações de construtores cristãos (e algumas mais já mencionadas como a da Ordem do Templo), é desigual nos distintos Ritos, onde sobre um fundo comum, observam-se algumas filiações inclinadas para um ou outro aspecto. Não podemos tratar aqui o complexo e extensíssimo assunto da diversidade dos Ritos maçônicos, mas podemos assinalar sua existência, e igualmente a de distintos aspectos da Ciência Sagrada que provocam em alguns maior ou menor simpatia. Já que, sendo uma só a Maçonaria, como é uma só a Construção Cósmica, e portanto o Simbolismo Construtivo, as interpenetrações de diferentes influências, suas oposições e conjunções, formam parte do jogo de desequilíbrios e adaptações às quais se vê exposto o legado maçônico, veiculado pela civilização judaico-cristã. Isto foi assim também no passado e explica a passagem da Maçonaria operativa à especulativa, como já dissemos, fato que foi gradual, ao

extremo que certas lojas maçônicas "operativas" (anteriores a 1717) tinham elementos "especulativos" e que muitas lojas maçônicas "especulativas" (atuais), são propriamente operativas. Inclusive há documentos que testemunham a coexistência de ambas, tema que foi expressamente mencionado por distintos autores Maçonaria de transição.

[18](#)

Efetivamente, depois da publicação das "Constituições de Anderson", um grupo muito numeroso de maçons, escoceses, irlandeses e de outros lugares da Inglaterra, decidem desvincular-se da Grande Loja fundada em Londres (e que começou com só quatro lojas maçônicas), sendo em parte suas diferenças relativas a certas alterações de sentido, inclusive ritualísticas, das que não são alheias as distinções religiosas, e inclusive criaram uma espécie de Federação da Antiga Maçonaria, a qual depois de umas dezenas de anos começará novamente a ter relações com os ingleses, mas mantendo seus pontos de vista tradicionais mais relacionados com o operativo ou iniciático que com o especulativo ou alegórico; a isto devem-se somar problemas de sucessão ao trono da Inglaterra, pretendido pelo escocês e católico Jaime, que contava com muitos partidários, não só nas ilhas mas também em todo o continente. [19](#)

Em todo caso esta situação da diversidade de Ritos se reproduz nos distintos graus, que variam em número, nome e condição, segundo as diferentes forma maçônicas. Este tema é de interesse, mas se nos parece prioritário recordar que esses graus (seja em número de três, sete, nove, ou mais,) representam etapas no Processo de Conhecimento, ou Iniciação, e que essas passagens ou estados na Maçonaria são sintetizados e designados com os nomes de Aprendiz, Companheiro e Mestre, em correspondência com os três mundos: físico, psíquico e espiritual. Estes três grandes graus contêm sinteticamente em si todos os graus, que a maior parte das vezes não são senão especificações ou prolongações deles. Mas está claro que a divisão é hierárquica e se efetua dentro de uma ordem ritual que corresponde simbolicamente a estas etapas na Iniciação ou Via do Conhecimento. Ainda assim, não há um poder central que agrupe toda a Maçonaria, apesar de que haja Grandes Lojas muito poderosas, com um passado tradicional, e as diferentes Obediências e Ritos mantêm uma atitude de mútuo respeito, já que são vergôntees de uma árvore comum.

Esta espécie de independência, se assim é possível dizer, também é clara em cada loja maçônica, onde se efetivam ou não os símbolos, e se praticam ou não os ritos prescritos. A Unidade maçônica se produz fundamentalmente na Oficina, projeção do Cosmo, com liberdade da

Obediência à qual esta pertence.

Resta-nos mencionar que estes três graus formam o que se chama a Maçonaria Azul ou Simbólica. Acima deles se encontram os Altos Graus, sistema de hierarquias que não é considerado em certas Obediências nem aceito por determinados Ritos. Cabe saber também que, ao passar de um grau a outro, apenas se inicia a realizar o grau obtido; assim ao receber um Companheiro o grau de Mestre, é que começa a iniciação nesse grau. Deste modo que os graus são permanentes e jamais se perdem os adquiridos em uma carreira maçônica normal.

Falta-nos mencionar um pouco mais à Alquimia como influência presente na Ordem Maçônica. Já assinalamos que Enxofre, Mercúrio e Sal, os princípios alquímicos, encontram-se diretamente incorporados, desde os primeiros graus.

A Alquimia tem em comum com a Maçonaria o desenvolvimento interior, tendente à Perfeição, que tanto os alquimistas consideravam o objetivo de seus afãs (já que a Natureza não tinha finalizado sua Obra, que o Artista ou Adepto devia completar), como os maçons aos fins últimos da Maçonaria, que incluem a morte e a conseqüente regeneração em outro nível, ou estado de consciência.

Por outro lado, costumou-se dizer entre os amigos da Filosofia Hermético-Alquímica que o último grande Alquimista (e escritor sobre estes temas) foi Irineu Filaleto no século XVII. Isto é bastante exato de uma perspectiva, só que não se observa com toda claridade que a partir dessa data não se interrompe esta Tradição até o presente, mas sim se transforma, e muitíssimos de seus ensinamentos e símbolos passam à Maçonaria, como transmissora da Arte Real e da Ciência Sagrada, tanto nos três graus básicos como na hierarquia dos altos graus. Segundo René Guénon, estes altos graus são um prolongamento do estudo e da meditação sobre os símbolos e ritos (a uma parte deles, chamam-nos filosóficos) ²⁰ nascidos do interesse de muitos maçons por desenvolverem e fazerem efetivas as possibilidades outorgadas pela Iniciação; por esse motivo a utilidade prática destes graus é indubitável e constituem a hierarquização que coroa o processo de Conhecimento, tendo em conta sempre o caráter iniciático da organização, como nos adverte isso o autor, que também nos põe em guarda sobre o perigo de que estes graus se dediquem a problemas sociais ou políticos, mutáveis por natureza, e portanto afastados dos alicerces do Templo maçônico, construído em pedra. (Ver "René Guénon": artigo "Os Altos Graus").

No simbolismo maçônico, tal como no Alquímico, o sol e a lua exercem um papel fundamental e se os encontra em lugares tão essenciais como nos quadros e na decoração das lojas maçônicas (localizado-se em seu Oriente). Certamente que se trata dos princípios ativo e passivo, que também se correspondem às colunas Jakín e Boaz, que deste modo assinalam a oposição destas energias, ao mesmo tempo que sua conjunção num eixo invisível, do qual tende o prumo o Grande Arquiteto do Universo. Sem deixar de dar primazia a este significado geral, deve também se ter em conta a realidade destes astros, já que existe um calendário maçônico cujos dois pontos extremos constituem, como em quase todas as Tradições, os solstícios de verão e de inverno, festividades dos dois São Joões, que marcam os pontos limites do sol em seu percurso, sinalizando também os pontos intermédios correspondentes aos equinócios na roda temporal, e nos introduzem na doutrina dos ritmos e dos ciclos. Por outra parte, existe uma preeminência entre estas luminárias, já que a lua resplandece graças à luz solar, conceito que não é alheio à Tradição Hermética e à Cabala, posto que ambas são utilizadas de maneira generalizada para indicar graus de Conhecimento, ou etapas no percurso iniciático. Jean Tourniac no prólogo ao conhecido *Tuileur de Vuillaume* ²¹ aponta, referindo-se aos ciclos, a semelhança do paredro simbólico lua-sol ao do simbolismo solar e do polar. Esta associação que possui indefinidas vias de desenvolvimento, poderia igualmente relacionar-se com dois aspectos da Maçonaria, encarnados nas figuras míticas de Salomão (solar) e Pitágoras (polar), que por sua vez - e isto não o diz Tourniac - guardariam alguma analogia com os graus simbólicos (Maçonaria Azul) e os Altos Graus, ou ao menos, supostamente isto é o que pretenderam aqueles que foram instituindo estes últimos.

A literatura sobre a Maçonaria, ou as investigações históricas sobre a Ordem, soem incluir os autores, meios e escritos anti-maçônicos, tão confuso é o panorama a respeito de suas origens e fins, havendo-se criado uma série de "lendas" paralelas, o que ocasiona que certos investigadores custem cruzar uma espécie de fronteira "maldita" e invisível que obedece às "lendas negras" a respeito da Maçonaria como as divulgadas por Leo Taxil na França, muitas delas originadas no catolicismo. Outro tipo de críticas, não referentes a seu conteúdo espiritual, funda-se na atuação política e econômica de algumas lojas maçônicas que utilizando a estrutura maçônica, e aproveitando-se da independência das Oficinas, auferiram vantagens desse modo da Ordem e do público, projetando uma imagem distorcida da Maçonaria. Deverá se reconhecer que isto foi desse jeito em ocasiões, embora simultaneamente é o que acontece há anos com todas as instituições,

cuja decomposição é evidente. Em algumas sociedades a Ordem goza ainda do prestígio que teve no passado, e em certos países sua força espiritual, como gestora de grandes empreendimentos deixou rastros claros, que hoje são seguidos. Às vezes há maçons que ainda não conhecem a Maçonaria, ou acreditam que é outra coisa mais concreta e material, mas todos eles têm claro seu lema: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, e cumprem seu Rito de acordo a seus Antigos Usos e Costumes. Se não tivesse sido pela coerência e pelo conteúdo espiritual-intelectual, que os símbolos e os ritos manifestam, a Maçonaria seria mais um absurdo e, em todo caso, talvez não tivesse chegado até nossos dias.

Outra coisa que deveria ser assinalada é a curiosidade por saber qual é o grau real de Conhecimento que tem tal ou qual maçom, ou em geral, este ou aquele Iniciado; mas isso a quem interessa? que importância tem e diante de quem?

Essa pergunta, como é lógico, não cabe nos limites de uma investigação histórica baseada na documentação, e portanto é muito difícil estabelecer origens claras e seqüências lógicas num tema que não é [claro], embora se tente forçá-lo [como tal]. Um destes investigadores, o já mencionado J. A. Ferrer Benimelli, que tem mais de vinte interessantes obra publicadas sobre Maçonaria, e que ignora sistematicamente a Hermes, informa-nos: "Bernardin, em sua obra *Notas para servir à história da Maçonaria em Nancy até 1805*, depois de comparar duzentas e seis obras que tratavam dos origens da Maçonaria, encontrou trinta e nove opiniões diversas, algumas tão originais como as que fazem descender a Maçonaria dos primeiros cristãos ou do próprio Jesus Cristo, de Zoroastro, dos Magos ou dos Jesuítas; para não citar as teorias mais conhecidas, as chamadas 'clássicas', que remontam a Franco-maçonaria aos Templários, aos Rosacruztes ou aos judeus" e adiciona em nota: "Destes trinta e nove autores, vinte e oito atribuíram os origens da F. M. aos pedreiros construtores do período gótico; vinte autores se perdem na antigüidade mais longínqua; dezoito os situam no Egito; quinze se remontam à Criação, mencionando a existência de uma loja maçônica maçônica no Paraíso Terrestre; doze, aos Templários; onze, à Inglaterra; dez, aos primeiros cristãos ou ao próprio Jesus Cristo; nove, à antiga Roma; sete, aos primitivos Rosacruztes; seis, à Escócia; outros seis, aos judeus, ou à Índia; cinco, aos partidários dos Stuart; outros cinco, aos jesuítas; quatro, aos druidas; três, à França; o mesmo número o atribuem: aos escandinavos, aos construtores do templo do Salomão, e aos sobreviventes do dilúvio; dois, à sociedade 'Nova Atlântida', de Bacon, e à pretendida Torre de Wilwinning [Kilwinning]. Finalmente, à

Suécia, China, Japão, Viena, Veneza, aos Magos, à Caldéia, à ordem dos Essênios, aos Maniqueos, aos que trabalharam na Torre de Babel e, por último, um que afirma que existia a F. M. antes da criação do mundo." ²²



Brasão do Capítulo dos Rosacruzes
de Heredom de Kilwinning, Paris 1776

Análogo quanto à confusão das origens, é o que acontece na Tradição Hermética, com o mito do Hermes e Hermes Trismegisto, e com todo mito ou origem, e por certo com o *Corpus Hermeticum*, livros que, como vimos anteriormente, ²³ condensam e recordam o saber dessa Tradição. Efetivamente, Jean-Pierre Mahé, um estudioso que junto com P. J. A. Festugière dedicou sua vida ao estudo destes textos, acredita que os fragmentos em armênio desta literatura procedem do primeiro século anterior a esta era e que as versões posteriores conservadas em grego, latim e copta, desprendem-se delas sendo seu conteúdo nitidamente pagão, fora de influências gnósticas e cristãs que com certa liberalidade lhe atribuíram. É interessante observar como este estudioso, ao longo de seu trabalho mais importante a respeito, *Hermès en Haute-Egypte* ²⁴, onde coteja diferentes versões do *Corpus* entre si, com outros manuscritos encontrados em Nag-Hammadi e com autores da antigüidade, etc. chega à conclusão de que todos eles estão aparentados, que procedem de uma única fonte, e inclusive têm um tom, um ar, um aspecto comum, que também se manifesta em seu estilo, opinião que compartilhamos. Mas este saber, próprio do *Corpus*, ²⁵ que Mahé vê como solene, repetitivo, contraditório e sentencioso, em suma como má

literatura (o que é boa literatura e quem está em capacidade de defini-la e com relação a que?), parece-nos difícil de apreciar com parâmetros lógicos, por mais esforço e trabalho que se ponha nisso, e pese à valiosíssima contribuição que supõe o estabelecimento destes textos, sua tradução e comentário, embora estejam reiteradamente vistos de uma perspectiva totalmente alheia à que os textos possuem. Daí o perigo de se aproximarem de coisas de uma ordem determinada com meios que, por sua natureza, não são os correspondentes, já que eles mesmos estão formados por séries de condicionamentos pertencentes ao mundo profano, que ainda uma assombrosa erudição não sabe esconder, pois aparecem aqui e acolá na literalidade dos delineamentos, o infantilismo das concepções, a desproporção abismal entre o sentido sapiencial-emocional do texto e a leitura "universitária", quer dizer, profana que se faz do mesmo. ²⁶ Não se deve tratar uma sociedade iniciática por suas ações humanitárias ou altruístas exclusivamente, pois se corre o perigo de desvirtuar a autêntica razão de sua existência.

Outro assunto mais ou menos utilizado como crítica, tanto da Maçonaria como do Hermetismo, é seu caráter pretendidamente sincrético. Em primeiro lugar nos parece imperdoável o abuso que se faz desta palavra, que equivale para alguns a uma desqualificação. O Cristianismo, o Islã, o Budismo, a Antigüidade Greco-romana, inumeráveis Tradições arcaicas, inclusive a Civilização Egípcia e a China, poderiam hoje ser julgadas como "sincréticas" à luz dos documentos mais antigos e sem mencionar a idéia de uma Tradição Unânime, além desta ou daquela forma. Efetivamente, o termo esteve em voga numa época em que a investigação antropológica e a História das Religiões estavam em fraldas, e se acreditava na "pureza", tanto de certas culturas, conceito muito perigoso, além do mais, capaz de derivar no engano das raças como religiões. Desgraçadamente este termo seguiu sendo usado, e é utilizado por alguns como uma arma esgrimida para condenar aquilo que imaginam não lhes convir, ou que escape a suas simplificações elementares. Muito perto está a História da Igreja, seus Concílios e a formação de seus Dogmas, sua Teologia, a História dos Papas, etc., para que, em todo caso, a Cristandade possa reprovar à Tradição Hermética e à Maçonaria, algo neste sentido, e o dito poderia ser generalizado a outras religiões e influências espirituais que compõem a Cultura do Ocidente. São inumeráveis as correntes que formaram esta Civilização, a maior parte das quais, de um modo ou de outro, coexistem conosco mesmos, e devemos dar graças a Deus, em nome de nossa cultura, porque estas inter-relações naturais que se transvasam com as migrações humanas de um povo e sua língua a outro, existiram sempre, pese à ácida recriminação de sincretismo, emanada de supostas autoridades

baseadas em imaginárias estruturas caducas.

Definitivamente, os diversos componentes da Maçonaria não impedem que esta adaptação da Ciência Sagrada, da Filosofia Perene, seja totalmente Tradicional, senão mais provam o contrário assim que se consideram em suas doutrinas, quer dizer: em si.

♦
(2)

NOTAS

- ¹ O mesmo Findel no Anexo de sua *História* publica o primeiro documento de que dispomos, datado em 1419, sobre os trabalhadores de canteiros alemães.
- ² "Parece-nos indiscutível que ambos os aspectos, *operativo e especulativo*, estiveram sempre reunidos nas corporações da Idade Média, que empregavam, por outra parte, expressões tão nitidamente herméticas como a de 'Grande Obra', com aplicações diversas, mas sempre Analogicamente correspondentes entre elas." R. Guénon, *Etudes sur la Franc-Maçonnerie et le Compagnonnage* T. II, cap. "*A propos des signes corporatives et de leur sens originel*". Ed. Traditionnelles, Paris 1986.
- ³ Enciclopédia Britânica. Artigo '*Freemasonry*', edic. 1947.
- ⁴ Ver Claude Tannery "*Le Corpus Hermeticum (Introduction, pour des développements ultérieurs, à l'hermétisme et la maçonnerie)*"; nº 12 revista Villard de Honnecourt, Paris 1986. as referências a Hermes e à Tradição hermético-alquímica na literatura maçônica são muito abundantes como já dissemos; não há o que dizer de Pitágoras, tema que é tratado em outro estudo deste mesmo nº do V. do Ir.: Thomas Eftymiou, "*Pythagore et sa présence dans la Franc-maçonnerie*".
- ⁵ Ver E. Mazet "*Eléments de mystique juive et chrétienne dans la franc-maçonnerie de transition (VIe-VIIe s.)*"; nº 16, 2ª série, igualmente da revista *Travaux de la loge nationale de recherches Villard de Honnecourt*. O autor publicou nesta, que edita os trabalhos da loja maçônica de estudos do mesmo nome, adscrita à *Grande Loge Nationale Française*, outras colaborações igualmente interessantes sobre aspectos documentais da Maçonaria. Na verdade, esta revista junto com a *Ars Quatuor Coronatorum*, também órgão difusor de uma loja maçônica de estudos homônima, (*Quatuor Coronati Lodge*) e que desde 1886 tem já mais de 80 volumes publicados na Inglaterra, são as melhores fontes que se podem achar para o estudo integral da Maçonaria.
- ⁶ É conhecida a importância da *Tetraktys* pitagórica em qualquer tipo de conhecimento metafísico e cosmogônico. Por outra parte, a relação das harmonias musicais em relação aos números, em particular com a escala dos sete primeiros, é também um tema pitagórico que a Maçonaria e o *Corpus Hermeticum* recolhem em forma de graus e toques de reconhecimento ligados com as esferas planetárias e os Regentes que as governam. Há que

se adicionar os distintos teoremas geométricos pitagóricos, conhecendo-se a importância que para a Maçonaria e para a ciência e arte de construir possuem; só bastaria assinalar entre eles o do triângulo retângulo, posteriormente enunciado por Euclides, outro dos ancestrais maçônicos, como já mencionamos. Em 1570 John Dee, conhecido mago elisabetano e notável matemático que exercera um papel tão importante no Hermetismo inglês e no europeu publicou um famoso prólogo aos "Elementos de Geometria" de Euclides. Como é sabido, os ensinamentos de Dee foram retomados por Robert Fludd, que editou em 1619 seu *Utriusque Cosmi Historia* e por seu intermédio, concatenadamente, fizeram-no os futuros integrantes da maçonaria especulativa.

- ⁷ J. A. Ferrer Benimelli, "*Bibliografía de la Masonería*" - Fundación Universitaria Española - Madrid - 1978, pág. 112. Este sacerdote jesuíta que deu impulso aos estudos maçônicos em língua castelhana –a ponto de que alguns autores sobre maçonaria, como J. A. Vaca de Osma (*La Masonería y el Poder*), chegam a se perguntarem se verdadeiramente não é membro da Ordem– tem, entretanto, uma idéia escassa sobre ela, tomando-a como uma sociedade filantrópica e espiritualista, não lhe outorgando nenhuma categoria iniciática, termo que jamais emprega e que parece inclusive desconhecer em sua verdadeira dimensão.
- ⁸ *La Symbolique au Grade d'Apprenti, La Symbolique au Grade de Compagnon, La Symbolique au Grade de Maître*, Edimaf, Paris 1986, id, y 1990; *La Symbolique des Nombres*, id. 1984. Também queremos destacar aqui os livros amplamente conhecidos em castelhano assinados por Magister (Aldo Lavagnini): *Manual del Aprendiz, del Compañero, del Maestro, del Gran Elegido*, etc. De fato, todos os manuais maçônicos têm menções aritmético-geométricas.
- ⁹ Desde 1824, Thomas de Quincey destacava em um periódico londrino a conjunção da Maçonaria com o rosacrucianismo como um tema conhecido.
- ¹⁰ A genealogia maçônica é também bíblica, embora se combine com a Egípcia. Deve se recordar a relação de Israel com o Egito na época de Moisés e ainda o simbolismo do Egito nos evangelhos cristãos. Segundo o livro I dos Reis, 3-1, há uma filiação direta entre o Rei Salomão e o Egito, já que aquele era genro do Faraó, seu vizinho.
- ¹¹ "The few notes on his connexion with Freemasonry which Ashmole has left are landmarks in the sparsely documented history of the craft in the seventeenth century". C. H. Josten, Elias Ashmole. Ashmolean Museum and Museum of The History of Sciences, Oxford 1985. Estes diários foram publicados sob o título: *Elias Ashmole, His Autobiographical and Historical Notes, his Correspondence and other Contemporary Sources relating to his life and Work*. Introd. C. H. Josten, 5 vol. Deny, 1967.
- ¹² De acordo às mudanças que demandam os ciclos e os ritmos, às quais não se pode subtrair nenhuma Tradição ou Organização, por iniciática que seja, e que marcam as diferentes fases e formas em que se expressa a Cosmogonia Perene, e portanto também assinalam as adaptações históricas à mesma.
- ¹³ Segundo Geoffrey de Monmouth em "História dos Reis da Britania" (1135-39), uma das primeiras crônicas escritas sobre a História da Inglaterra, os

ilhéus procedem dos troianos que chegaram a suas costas, passando antes pela França, vindos da Grécia, onde permaneciam os descendentes dos que sobreviveram à famosa guerra.

- ¹⁴ Algo análogo quanto suspeita de herético, defeituoso, ou falso, acontece com os sistemas, ou religiões, do Oriente. Com a condição de que estas últimas gozam nos meios ocidentais de um maior prestígio generalizado, embora estes às vezes não conseguem evitar o desdém, ou a fobia, pelo fato de serem politeístas, outro termo que em boca de alguns pareceria ser um insulto.
- ¹⁵ É óbvio o crescimento da Maçonaria com o nascimento dos burgos e a cultura das cidades, que sempre necessitaram construtores para sua efetivação, pelo que não é difícil inferir que muitas cidades mais ou menos importantes da Europa, assim como a construção de castelos, fortificações, conventos e palácios, foram realizadas por arquitetos, diretores de obra e pedreiros maçons, sem contar os carpinteiros e marceneiros, vitralistas, escultores e pintores, todos eles iniciados nos segredos de seu ofício. Isto se observa claramente na época moderna (e tem que ver também com a passagem do operativo ao especulativo), em relação com o incêndio da cidade de Londres que incluiu a catedral de S. Paulo e que teve que ser totalmente reconstruída por mão-de-obra especializada dirigida pelo arquiteto Christopher Wren, maçom de alta hierarquia na Ordem e de reconhecido renome, que efetuou este gigantesco trabalho no menor tempo possível. O incêndio de Londres é um tema fundamental na história da Inglaterra e na Maçonaria em geral. Sua reconstrução, efetuada por maçons, é um símbolo cíclico relacionado com a perenidade da Ciência Sagrada que, manifestando-se em qualquer parte, expressou-se em uma cidade tão mágica, como é o caso da capital inglesa.
- ¹⁶ *Medieval Craftsmen, Masons and Sculptors*. British Museum, 1991.
- ¹⁷ Cf. *Villard de Honnecourt, Cuaderno, siglo XIII*. Apresentado e comentado por Alain Erlande-Brandenburg, Régine Pernoud, Jean Gimpel, Roland Bechman. Ed. Akal, Madrid 1991.
- ¹⁸ É importante fazer constar, dos começos, a presença de militares em todas as lojas maçônicas. Isto chegou a ser tão comum que, inclusive, algumas delas foram exclusivamente militares, tanto as que se organizaram em bases militares, como as que funcionavam em navios, seja em alto mar ou em portos.
- ¹⁹ Como se sabe, uma corrente numerosa de maçons liga especialmente com a Origem Templária, Escocesa e Jacobita da Ordem, para a qual exibem numerosos testemunhos e fatos muito prováveis. Isso sem que esta corrente negue a herança Pitagórica, Hermética e Platônica, e tampouco a das corporações de construtores, dos Rosacruz e a influência judaica dada pelo mito de Hiram e a construção do Templo de Salomão. Michael Baigent e Richard Leigh, em seu livro *The Temple and the Lodge* (Londres 1989) apoiando a validade desta origem que desenvolvem em sua obra desde a Idade Média ao século XVIII afirmam: pág. 187, "Ela [a Maçonaria] tinha suas raízes em famílias e associações vinculadas pelo antigo juramento de fidelidade aos Stuarts e à monarquia Stuart. (...) Jaime I, um rei escocês que

era ele mesmo maçom." Na obra de Robert Kirk, *The Secret Commonwealth*, (*"La Comunidad Secreta"*. Madrid, Siruela 1993) escrita em 1692, a respeito de "Os costumes mais notáveis do Povo da Escócia", este erudito historiador do mais antigo "folclore" escocês e da cultura celta, anota no parágrafo "Singularidades da Escócia", e como característica desse reino a: "A palavra maçônica, da qual, embora alguns haja que façam mistério dela, não ocultarei o pouco que sei. É como uma tradição rabínica, como comentário relacionado a Jakín e Boaz, as duas colunas eretas do Templo do Salomão, à qual vem se acrescentar algum sinal secreto, que passa de mão em mão, graças ao qual eles se reconhecem e familiarizam entre si."

²⁰ Outros se consideram, no Rito Escocês Antigo e Aceito: "de perfeição", "capitular" e "administrativos".

²¹ *Vuillaume, le Tuileur*. Ed. du Rocher, Mônaco 1990, reimpressão do de 1830. Manual maçônico que contém os seguintes Ritos praticados na França: Escocês Antigo e Aceito, Francês, da Maçonaria de Adoção, e Egípcio ou de Misraím. Ver ♦ resenha (em espanhol).

²² José A. Ferrer Benimelli, *la Masonería Española en el siglo XVIII*. Siglo XXI de España Editores, Madrid 1986.

²³ *"Os Livros Herméticos"*. SYMBOLOS Nº 11-12, Guatemala 1996. (Reproduzido em página do autor. – Português : em construção ♦).

²⁴ Les Presses de l'Université Laval, Quebec 1978-1982. 2 vol.

²⁵ E que é comum ao resto da literatura hermética, inclusive a Alquimia.

²⁶ O discurso do Corpus é efetivamente reiterativo e se repetem certos axiomas ou máximas num tom que comporta certa solenidade, um "estilo" para ser identificado entre outros tons, e também porque lhe imprime uma cadência musical, que à par que fixa a memória, é um agente "invocador".

HERMETISMO E MAÇONARIA

Doutrina, História, Atualidade

Federico González



III

APONTAMENTOS SOBRE HERMETISMO E CIÊNCIA (I)

Freqüentemente nos encontramos com o tema das relações entre Hermetismo e a ciência experimental em diversos autores, a ponto de ser hoje uma referência habitual na História da Ciência. Efetivamente, as

disciplinas que formarão a Ciência Moderna, quer dizer a Cosmologia, Matemática, Geografia, Física, Medicina, Farmacopéia, Química e Engenharia em geral,¹ etc., ou seja, o conjunto de matérias, com a inclusão de algumas disciplinas recentes como a Psicologia,² que formam a civilização ocidental –e que outras tradições elaboraram igualmente e das quais somos herdeiros– foi o produto de uma corrente sapiencial de energias postas sob a avocação do deus Hermes, tanto quanto outras realizações culturais que mencionamos em outros artigos. Neste caso o tema atual teve para nós, como fator desencadeante, a investigação sobre o catálogo de duas grandes bibliotecas, a denominada Colombina, que se acha depositada em Sevilha, e a *Biblioteca Chemica* terminada de classificar por John Ferguson em 1906.³

Vários séculos separam a ambas as bibliotecas, que refletem, por esta circunstância, duas maneiras de abordar o tema da Ciência, embora com abundantes pontos em comum: referimo-nos à visão medieval do Conhecimento, e à renascentista (Hermético-Alquímica), que constituiu uma adaptação da primeira (consideramos um pouco forçada a divisão entre a Idade Média e o Renascimento, tanto quanto a oposição Platão-Aristóteles feita de modo radical), que por sua vez o era da Antigüidade greco-romana-alexandrina, à qual se somam as contribuições com bizantinos e árabes para novos tempos e circunstâncias, e que terminará desembocando num conjunto que, totalmente invertido com respeito às citadas concepções medieval e renascentista (e clássica), que tinham como meta final o descobrimento e a experiência do mistério, da sacralidade da revelação, negará suas origens e nos conduzirá ao desolado e catastrófico mundo atual. Embora, para alguns "sábios" oficiais que não são capazes de ver além de um palmo de seus narizes, a situação é tão boa que é quase paradigmática e seguem sustentando a "crença" em um progresso indefinido (especialmente baseado nas conquistas médicas e tecnológicas), apesar de que a iminente destruição da Civilização ocidental, que arrasta o Oriente, é óbvia para qualquer leitor de periódicos ou telespectador habitual, enquanto o "sábio" oficial, conjuntamente com a massa, à qual representa, não é capaz de abandonar suas ilusões, às quais venera, pois as considera seu ser e a marca distintiva de um tempo e um meio ao qual tem a honra de pertencer e que deve ser respeitado por todos se não quer ser marginalizado, enterrado em vida.

Aqui devemos fazer a ressalva de que não nos ocuparemos da ciência atual, mas sim de suas origens, e se deve tomar este artigo, segundo seu título indica, como simples notas para um estudo que acaso algum dia escrevamos. Quanto a novas perspectivas da ciência de vanguarda, (exemplificada pela gnose de Princeton), que constituem uma forma que

toma a ciência ocidental, assinalamos seu interesse e suas boas intenções, assim que são capazes de relacionar seus conteúdos com a metafísica oriental, etc., embora seu método, e os supostos mentais em que se apóia, não são os mesmos da Alquimia nem da cosmologia tradicional (mas continuam sendo profanos e racionalistas, apesar da repulsa que pretendem destes valores), nem os da física do Newton,⁴ nem da medicina do Paracelso,⁵ etc., quer dizer os da concepção da ciência como possibilidade de desenvolvimento num mundo concebido como inacabado, mas sempre sacro, tal como a inserção do homem nele, e não meras constatações empíricas, ou seja concepções profanas devidas à conquista de um ser humano que se permite descobrir, ou melhor, inventar, uma realidade autônoma que (Oh, maravilha!) a Antigüidade ignorante já suspeitava. Tampouco se pode generalizar sobre estes aspectos, pois esta forma de ver também poderia manifestar-se como uma simbólica de enorme interesse que está esperando seus hermenutas; embora não sabemos se na atualidade, por circunstâncias cíclicas, há tempo material para isso.

Em qualquer caso o nascimento da História da Ciência, tal qual hoje a conhecemos, está relacionado com as idéias da Tradição Hermética e as investigações e experiências dos hermetistas, autênticos sábios –sempre perseguidos pela ignorância e pelos personagens oficiais que a encarnam– que têm supremo respeito pelos ensinamentos do *Corpus Hermeticum*, que definem uma atitude clara com respeito ao homem e seu papel na Criação segundo o manifesta este texto:

O cosmo está pois submetido a Deus, o homem ao cosmo, os seres sem razão ao homem: Deus, Ele, está acima de todos os seres e vela sobre todos. As energias são como os raios de Deus, as forças da natureza como os raios do cosmo, as artes e as ciências como os raios do homem. As energias atuam através do cosmo e alcançam ao homem pelos canais físicos do mundo; as forças da natureza atuam por meio dos elementos, os homens através das artes e das ciências.⁶

De todas as maneiras, qualquer trabalho sobre a origem da hoje chamada ciência, deve estudar e destacar a Roger Bacon (Somerset c.1214, Oxford 1294) como o melhor representante medieval, precursor de uma atitude de abertura para as ciências da natureza e da experimentação, que se acostumou a vincular com determinadas invenções, como a lente de aumento e o microscópio, a observação do tamanho dos planetas, das nebulosas espaciais, a criação de engenhos mecânicos, obras hidráulicas e de engenharia, etc. etc.⁷

A este filósofo hermético-alquímico medievalo tem por discípulo do

Pitágoras, Euclides e Ptolomeu. Deixou uma extensa obra que inclui: *Quaestiones supra libros Physicorum Aristotelis; Quaestiones supra indecimum prime philosophiae Aristotelis; Id. supra librum de generatione et corruptione; id de animalibus; id. de causis; id. de caelo et mundo; Opus maius; Opus minus; Opus tertium; id., Speculum alchimiae; De mirabili potestate artis et naturae; Speculum astronomiae; Compendium studii philosophiae; Communia naturalium; De multiplicatione specierum; Compendium studii theologiae; De secretis operibus artis et naturae et nullitate magia.*

Desta abundante produção queremos mencionar alguns fragmentos que expressam sucintamente seu pensamento, totalmente revolucionário para sua época; basta-nos recordar que seu livro *Opus Maius*, do qual selecionaremos estas citações, foi publicado no mesmo ano que a Suma Teológica de Tomás de Aquino, cujo mestre, Alberto Magno, escreveu, como ele, sobre Alquimia. De outro lado, recordaremos que "para o Roger Bacon, Hermes era o 'pai dos filósofos'," segundo L. Thorndike (II, P. 19, citado por F. Yates: *Giordano Bruno y la Tradición Hermética*, P. 67):

Expostas as raízes da sabedoria dos latinos nas línguas, na matemática e na perspectiva, quero agora pôr ao descoberto as raízes da mesma pela ciência experimental, já que, sem a experiência, nada se pode saber suficientemente. De fato, dois são os modos de conhecer, ou seja, pela argumentação e pela experiência. A argumentação conclui e nos faz conceder a conclusão, mas não nos deixa certos sem fazer desaparecer toda dúvida, de maneira que fique o ânimo aquietado com a contemplação da verdade, se não a encontrar pela via da experiência: muitos têm argumentos para provar as proposições, mas como não têm experiência, desprezam-nas, e assim não evitam o mal, nem vão atrás do bem. Se alguém que nunca viu o fogo demonstrou com argumentos suficientes que o fogo queima e ataca às coisas e as destrói, nunca por só isso se aquietaria o ânimo do que lhe ouvisse, nem fugiria do fogo antes de pôr a mão ou um objeto combustível ao fogo, para comprovar assim pela experiência o que o raciocínio lhe tinha demonstrado. Mas uma vez obtida a experiência do fato da combustão, fica com certeza, o ânimo descansa com a evidência da verdade. Logo não basta o raciocínio, mas sim se requer a experiência. (Sexta parte: Sobre a ciência experimental, cap. I).

Mas como esta ciência experimental é ignorada por completo da massa dos que estudam, não posso, por isso, tratar de lhes convencer de sua utilidade se antes não faço ver sua eficácia e sua índole especial. Pois bem: esta é a única que sabe muito bem por experiência o que se pode fazer pelas forças naturais, e o que se pode pelo esforço da arte, pela fraude, que pretendem e que sonham os poetas, as conjurações, as invocações, as deprecações, os sacrifícios, tudo isso de arte da magia, e o que neles se faz, para eliminar toda falsidade, e reter somente a

autêntica arte. (Id., cap. II).

Entretanto esta experimentação da qual trata R. Bacon não é só física, como se poderia pensar, ele mesmo se encarrega de nos transmitir isso já que seu grau mais alto é a Revelação; quer dizer que o Conhecimento do Sagrado é a maior experiência, embora também inclua a magia em suas duas vertentes: a que se apóia na natureza das coisas, e a que se utiliza de truques que de algum jeito violentam essa natureza, ou seja, que há uma magia "boa" e outra "má", ou melhor, há duas formas de atuar com relação à natureza, uma é lícita e a outra não é. Há algo de profético nesta divisão, caso se tenha em conta o posterior desenvolvimento da civilização ocidental, e a supremacia atual da segunda sobre a primeira, quer dizer do empirismo, da racionalização, do método estatístico e da falsa idéia de uma evolução e de um progresso indefinido, material e técnico, capaz de solucionar todos os males. Para o pensamento de R. Bacon, se a experimentação for uma forma da magia natural e a alquimia uma forma da teurgia aplicada ao Conhecimento e à obtenção de uma conquista total –a Panacéia Universal– todo o processo de aprendizagem (matemático, cosmográfico, físico, médico, de laboratório) é parte de um Saber Único, a Ciência Sagrada. Embora pareça curioso, este tipo de conceitos materializaram finalmente na Ciência Moderna, cujos supostos, como expressamos, estão totalmente invertidos com respeito a estas conclusões e a toda idéia relacionada direta ou indiretamente com o sagrado, discutindo, ou negando, inclusive, suas origens históricas, como já assinalamos.

Entretanto, aos efeitos deste trabalho tomaremos o final do século XV como ponto de referência para tratar do tema das origens das ciências da Natureza, em estreita relação com o pensamento esotérico e com a magia natural. De fato, daremos início a nosso breve itinerário nos centrando na Academia de Florença, fundada por Cosme de Medici, no castelo de Careggio, imediatamente depois de que se reunira nessa cidade o concílio de 1436-1439 celebrado para a união das Iglesias cristãs, com a presença de Gemisto Pleton e J. Bessarion, entre outros, o que permitiu um enorme fermento nos estudos sobre a antigüidade clássica, e abriu as portas do Renascimento, desde esta Academia dirigida por Marsílio Ficino, secundada por uma plêiade de filósofos, artistas, literatos, homens públicos e de Estado, comerciantes, etc., iniciativa que, por outra parte, começou a se emular em outros círculos italianos, começando pelo papado, os duques de Ferrara e Milão, e em geral pelas bibliotecas, cenáculos e os príncipes e suas cortes.

No artigo ♦ "Os Livros Herméticos" mostramos o que são as doutrinas

herméticas, que contidas no *Corpus Hermeticum*, e em consonância com as idéias de Pitágoras, Platão, do Neoplatonismo e Neopitagorismo,⁸ do cristianismo de Dionísio Areopagita e da Cabala Hebraica, descrevem as emanções que, a partir da Unidade, por um processo de opacidade ou materialização, descendem formando distintos planos ou mundos, que vão do invisível e incriado, passando por distintos graus mais ou menos sutis de manifestação, ou angélicos, até a mais grosseira solidificação material. Ao contrário, os ensinamentos herméticos nos mostram como é possível remontar esta ordem e, a partir de determinadas substâncias, que guardam em si o mistério de seu ser, chegar à própria Origem, por meio de uma série de transmutações que os alquimistas, postos sob a avocação do deus Hermes, realizavam partindo da matéria, especialmente a metálica, à qual relacionavam com as energias dos astros, ou regentes. Certamente esta atitude, que por outra parte não é exclusiva do Ocidente, pois se produziu em outras tradições, possibilitou a investigação e a experimentação e portanto fundamentou o nascimento das ciências aplicadas ao estudo e a modificação da natureza.⁹ De fato, a História da Ciência não deixou jamais de advertir esta origem pré-científica e "mágica" das ciências, por mais racionalista que fora seu enfoque ou por mais asséptico que pretendesse ser o método sustentado, pelo simples fato de que é muito difícil negar evidências perfeitamente documentadas, em que pese qualquer intenção do contrário. As cosmogonias mais autenticamente científicas e "modernas", como as de Galileu¹⁰ ou Newton,¹¹ sem contar a de Giordano Bruno,¹² revelam sua origem hermética, considerada como ignorância durante vários séculos pelo "pensamento científico", oposto à Cosmogonia Unânime de distintos povos, à sua Ciência Sagrada, o que deu lugar, valha o paradoxo, à própria ciência profana que, apesar de derivada dela, logo a seguir a nega, em virtude de determinados desenvolvimentos que tem que adotar, afastando-se cada vez mais de seus propósitos e origens.¹³ O tema é complexo e delicado, mais ainda pelos enganos básicos que tem nosso enquadramento moderno, acrescentados desde o século XIX, em relação ao que hoje se entende por "cientista" –e ainda filosófico–,¹⁴ mas nos basta por agora assinalar que uma corrente muito forte de historiadores nascidos no próprio campo científico, investiga sem preconceitos, na atualidade, este processo que desemboca nos descobrimentos e inventos da sociedade técnica contemporânea. Como antecedente importante e de algum modo pioneiro destacaremos "*A History of Magic and Experimental Science*", de Lynn Thorndike, em seis volumes, editada pela Columbia University Press de 1923 a 1941.¹⁵

Mais recentemente, e para citar um só exemplo, mencionaremos a polêmica obra "Mentalidades ocultas e científicas no Renascimento"

editada por Brian Vickers, que reúne uma série de trabalhos interdisciplinares sob este sugestivo título, produto de um simpósio organizado em 1982 pelo *Center of Renaissance Studies*, Zurich, e publicada pela *Cambridge University Press*. Dentre os professores de diferentes universidades americanas e européias que debatem e esclarecem estes assuntos em época recente, devem ser mencionados Thomas S. Kuhn, Gastón Bachelard, Gilbert Durand, Karl Popper, A. C. Crombie, A. Asti Vera, L. W. Hull, E. Garin, P. O. Kristeller, A. Koestler, e os já nomeados neste artigo, etc. Sobre a História e Filosofia da Ciência há hoje uma abundante literatura, grande parte dela já traduzida ao castelhano. Igualmente deve se destacar outra coleção com um título da mesma forma sugestivo, *Alchemy Revisited: Proceedings of the International Conference on the History of Alchemy*, atas de uma conversa celebrada em 1989 em Gröningen, em que igualmente participa B. Vickers e distintos autores que, de uma ou outra maneira, chegaram a este tipo de investigações por distintos caminhos e em diferentes níveis. Na realidade, só desejamos assinalar estas publicações com o ânimo de indicar o interesse atual pelo tema, que se expressa também em duas revistas: *Ambix*, e *Renaissance Quarterly*.¹⁶

De nossa parte pensamos que este tema das origens "mágicas" da Ciência é o suficientemente importante para tratá-lo, já que de fato se trata, como em outros casos, da influência da Tradição Hermética na cultura do Ocidente, a ponto de constituir uma corrente subterrânea, secreta, que a alimentou com seus acertos e enganos até o dia de hoje, em perfeita simultaneidade com os ritmos e os ciclos que fazem o tempo e a história em que se manifestam as Idéias.

Além disso, é óbvio o valor filosófico, e gnoseológico, que pode ter um debate desta natureza, e as inumeráveis perspectivas que se podem abrir por seu intermédio.

De fato, o desenvolvimento científico facilitou ao homem contemporâneo numerosas vias que até muito recentemente não sonhava sequer em conhecer –a aceleração, neste sentido prodigiosa, é geometricamente proporcional a esse desenvolvimento–, à par que se foram fechando outros ângulos de visão e que, ao multiplicar as possibilidades de controle e domínio sobre a "matéria", começou a se ter sobre ela uma perspectiva cada vez mais limitada e excludente; as diferentes técnicas e seus diversos usos são o exemplo mais destacado a respeito. Em todo caso não seremos nós os que insistirão sobre este problema, hoje em dia convertido numa ameaça constante à humanidade, advertido já faz mais de oitenta anos por diversos autores, entre os quais devem nomear-se em primeiro lugar as críticas ao mundo

moderno de René Guénon, e que hoje tomam características de uma gravidade tão monstruosa como os sinalizados todos os dias pela ecologia através de valentes grupos de choque, surgidos no calor das circunstâncias.

Como dizíamos, foi mostrado por numerosos autores que se referem a isto de distintas maneiras. Do ponto de vista da História da Ciência, e particularmente do método científico, Elías Trabulse¹⁷ se expressa assim:

A experiência, ou seja a constatação empírica dos fenômenos, é a primeira característica básica de nosso esquema e, por extensão, de todos os paradigmas científicos que apareceram do século XVIII até nossos dias. (...) O desenvolvimento de técnicas de precisão admirável permitiram "dominar racionalmente o curso da experiência", o que conduziu à repetição, provocada e controlada, dos fenômenos que se desejavam observar.

Está claro que esta atitude que vai desembocar na multiplicidade absoluta está implícita no Renascimento e nos desenvolvimentos científicos posteriores se faz patente. Por outra parte isso se observa em todas as manifestações, sejam estas sociais, econômicas, artísticas, culturais, e sua eclosão vertiginosamente acelerada se deve a temas relacionados com o ciclo pelo qual a humanidade atravessa. Por isso muitos –com alguma razão– fixaram a Idade Média como o período limite em que ainda era obtida uma comunicação direta entre céu e terra. Entretanto, vimos que a Tradição Hermética subsistiu até nossos dias, embora certamente em forma oculta e minoritária, havendo inclusive passado por momentos de glória e grandeza durante muitos séculos, adotando diversas formas. De fato, a permanência da Ciência Sagrada permitiu o atraso do caos total e reordenou, na medida de suas possibilidades, uma e outra vez o pensamento do homem no Ocidente, iluminando-o com sua sabedoria, em suma, revelando-se nele.

Entretanto, e na mesma época em que aparece o racionalismo, a ciência troca intempestivamente o rumo, cortando a conexão que mantinha unidos os três mundos, espiritual, anímico e material, simplificando tudo, fazendo só uma distinção binária: corpo e alma como antagônicos, sempre excludentes.

Este processo de inversão fica documentado não só na "filosofia" e no racionalismo de Descartes, mas também passa a ser parte da bagagem do homem moderno como o atesta a história dessa Ciência que, a pouco de seu desenvolvimento, nega suas próprias origens e rompe as raízes que a mantinham ainda unida com a Cosmogonia e a Ontologia, com o Ser

Universal e com a Metafísica.



Apontamentos sobre Hermetismo e Ciência II

NOTAS

- ¹ Todas estas Ciências eram por sua vez consideradas como "Artes" (vgr. as Artes Liberais), assim os filósofos químicos estavam acostumados a também se auto-denominarem "artistas", e à ciência de Hermes como "Arte alquímica", ou "Arte Real" (*Ars Regia*).
- ² É notória a influência do Hermetismo sobre a Psicologia que cristaliza em Jung –reconhecido autor e chefe de uma escola e escritor de mais de vinte livros encabeçados por sua conhecida Psicologia e Alquimia– e prossegue até hoje com alguns de seus seguidores, ou em novas perspectivas como a Psicologia transpessoal, etc.
- ³ *Biblioteca Colombina: Catálogo de seus livros impresos*. Ilmo. Cabildo de la Santa Iglesia Catedral de Sevilla. Tomos I a VI: Notas Bibliográficas do Dr. D. Simón de la Rosa y Pérez. Sevilla 1888-?. Tomo VII: Notas Bibl. de id. e Fco García Madueño. Revisión e Índices de D. Ramón Paz y Remolar. CSIC y Biblioteca Colombina, Madrid 1948. *Bibliotheca Chemica: A catalogue of the alchemical, chemical and pharmaceutical books in the collection of the late James Young of Kelly and Durris [1811-83], by John Ferguson, honorary member of the Imperial Military Academy of Medicine, etc.* Reimpressão: KessingerPublishing CO., Montana, USA. 2 vol.
- ⁴ Sobre este autor há muito o que dizer, pois apesar de expressar sua teoria da gravidade de modo mecânico –com a seqüela de complicações que isto trouxe–, o grosso de seus estudos e concepções era outro, incluídas as possibilidades experimentais em relação com o "mistério" da gravitação. Ver também nossa ♦ resenha [em espanhol] na Symbolos Nº 13-14: "Maçonaria", 1997 sobre I. Newton, *El Templo de Salomón*, introd. de J. M. Sánchez Ron, trad. e est. filológicos C. Morano, Ed. Debate/CSIC, Madrid 1996. Igualmente: John Harrison, *The Library of Isaac Newton*, Cambridge University Press, 1978; e B. J. T. Dobbs, *The Janus faces of genius. The role of alchemy in Newton's thought*, id. 1991.
- ⁵ Hoje já se costumou mencionar de forma habitual Paracelso como um dos antecedentes renascentistas da medicina e da farmácia –particularmente a homeopática– moderna inclusive em contraposição com Galeno, e o galenismo representante do saber médico da antigüidade greco-romana e medieval (*Historia de la Ciencia y la Técnica Akal* Nº 19, *La química sagrada*, J. Esteva de Sagra; Nº 11, *El Renacimiento*, Fco. Javier Puerto; Madri 1991), face às dificuldades de todo tipo que o próprio Paracelso teve ao tratar de explicar sua Ciência, já que os "oficialistas" de seu tempo –que

curavam tudo com sangrias— qualificavam-no de charlatão. Entretanto em todos seus escritos faz referência à Tradição Hermético Alquímica, como bem o demonstra o seguinte texto sobre os fundamentos da Arte da Medicina: "A Medicina descansa sobre quatro colunas: a Filosofia, a Astronomia, a Alquimia e a Ética. A primeira coluna deve compreender filosoficamente terra e água; a segunda, a Astronomia, deve contribuir o pleno conhecimento do que é de natureza ígnea e aérea; a terceira deveria explicar sem falta as propriedades dos quatro elementos —quer dizer, de todo o cosmo— e iniciar na arte de sua elaboração, e finalmente a quarta deveria mostrar ao médico aquelas virtudes que têm que lhe acompanhar até sua morte e devem apoiar e completar as outras três colunas." (Paracelso, *Textos esenciales*, ed. Jolande Jacobi, Siruela. Madrid 1991).

⁶ *Poimandrés X, 22.*

⁷ Também incursionou na música. Esta sempre contou entre seus cultores e teóricos com uma plêiade de autores herméticos, da já mencionada lira de Apolo até os nossos dias. A quem estiver interessado neste tema recomendamos em particular as obras de Joscelyn Godwin: *The Harmony of the Spheres, a sourcebook of the Pythagorean Tradition in Music*, Inner Traditions International, Rochester VT, 1993, *Harmonies of Heaven and Earth, Inner Traditions*, 1995, e *l'Esotérisme musicale en France 1750-1950*, Albin Michel, Paris 1991. "Ser instruído na música, não consiste senão em saber como se ordena todo o conjunto do universo e que plano divino distribuiu todas as coisas: pois esta ordem, na qual todas as coisas particulares foram reunidas num mesmo todo por uma inteligência artística, produzirá, com uma música divina, um concerto imensamente suave e verdadeiro" (Asclépio, 13).

⁸ Entre os autores platônicos e pitagóricos devemos mencionar: Speusipo e a célebre Academia de Platão (e seus sucessores nela), que torna a reviver com os Neoplatônicos dos quais Jámblico e Proclo são talvez os mais importantes além de: Numenio de Apamea, Plotino, Porfirio, etc.; Pitagóricos e Neopitagóricos: Petrônio de Himera, Ion de Chios, Hipásio de Metaponto, Filolau de Crotona, Arquitas de Tarento, Hipócrates de Kíos, Teodoro de Cirene, Hicetas de Siracusa, Moderato de Cádiz, Theón de Esmirna, Nicômaco de Gerasa, Plutarco de Atenas, etc, Macróbio, Boécio e Euclides.

⁹ Ver *Herreros y Alquimistas* (Aliança Ed. Madrid 1986), *Cosmología y Alquimia Babilónicas* (Paidós, Barcelona 1993) e *Alquimia Asiática* (id. 1992), de Mircea Eliade.

¹⁰ "A filosofia está escrita nesse vastíssimo livro continuamente aberto ante a vista (refiro-me ao universo), mas este não pode ser entendido se antes não se aprende a entender a língua, a conhecer os caracteres nos quais está escrito. E o está numa linguagem matemática, cujos caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas, sem as quais é humanamente impossível entender uma só palavra, o que seria como agitar-se inutilmente para sair de um obscuro labirinto" (Galileo Galilei, *Il Saggiatore*, 6, Opera. Florença, Ed. Nazionale, 1898, T. vi, p. 232).

¹¹ Frances A. Yates, em *¿Relacionaba Newton sus matemáticas con la*

Alquimia? (Ensayos Reunidos III: Ideas e ideales del Renacimiento en el Norte de Europa, FCE, México 1993), afirma: "Em seu artigo revolucionário sobre *'Newton and the pipes of Pan'* [Newton e as flautas de Pan], publicado nas *Notes and Queries of the Royal Society* em 1966, J. E. McGuire e P. M. Rattansi citavam dos manuscritos inéditos palavras que mostravam que Newton acreditava que ao descobrir a lei da gravidade e o sistema do mundo associado com ela, estava redescobrando uma antiga verdade, conhecida do Pitágoras e oculta no mito de Apolo com sua lira de sete cordas."

E mais adiante a mesma autora, entre outras coisas diz: "Outro volume alquímico que Newton estudou profundamente e copiou foi o *Theatrum chemicum* de Elias Ashmole, coleção de textos alquímicos entre os quais se encontra uma breve descrição em verso da *monas* [N.T.: Mônada] de Dee. Num comentário sobre esse volume, que Ashmole cita de um manifesto Rosacruz, alude a Michael Maier e dá uma larga descrição do John Dee e de sua obra como matemático, que elogia muito." "... havia um núcleo hermético no cientista do século XVII; Newton, o matemático, unia-se ao Newton, o alquimista. Cobrem-se esses dois interesses, inclusive nos *Principia* e na *Opticks*, como pensam agora alguns estudiosos? Se for assim, não deveríamos procurar seus antecedentes nos movimentos alquímicos de princípios do século XVII, que até agora só se exploraram levemente?"

¹² Ver F. Yates, *Giordano Bruno y la Tradición Hermética*, Ariel Filosofía, Barcelona 1994.

¹³ Sem dúvida a repressão religiosa e a criminalidade da Inquisição, cuja missão era a caça e extermínio de tudo o que atentasse contra seu poder foram a causa principal disto. Também o "cristianismo oficial" dos Protestantes, embora em menor medida.

¹⁴ Esta paradoxo é óbvio na fundação da Real Sociedade de Londres instituída pelo alquimista Elías Ashmole e alguns de seus célebres amigos, a qual ao cabo de poucos anos se volta contra aqueles que a constituíram; o aspecto "material" e profano tinha vencido ao metafísico. Entre os colaboradores de Ashmole se encontra Sir Robert Moray, primeiro maçom documentado (Edimburgo 1641-47), arquiteto militar, com interesses herméticos e científicos, que foi o primeiro presidente de tal Sociedade.

¹⁵ As duas bibliotecas às quais fazemos alusão no começo deste artigo, especialmente a Colombina mais vinculada com o pensamento medieval, foram postas em relação, para estes apontamentos, com a obra já citada de Thorndike, que abrange do Império Romano até o século XIV de nossa era; o conteúdo deste livro que consideramos básico para qualquer investigação relacionada com o tema aqui tratado é muito recomendável. Em seu Prefácio Thorndike nos diz que trabalhou com manuscritos e incunábulo da British Library, da Bodleian (Oxford), da Bibliothèque Nationale (Paris) e das de Munich, Florença e Bologna, entre outras, e que tendo consultado diversos catálogos acredita ter estudado uma coleção representativa, em que pese serem milhares os manuscritos vinculados com seu estudo. Assinala também em sua Conclusão que os autores dos séculos XIV e XV, sobretudo os deste último, não adicionam grande coisa ao que estava em germe anteriormente.

Naturalmente o autor organiza seu material em razão das investigações dos séculos posteriores, posto que seu trabalho constitui sua tese doutoral começada em 1902.

¹⁶ A magia renascentista queria conhecer os segredos da natureza, quer dizer da cosmogonia, apoiando-se nos números e na geometria de Pitágoras, que a Teurgia ativava de modo operativo, e que a Ciência estabeleceria de maneira aplicada. A Teurgia, chamada também magia intelectual, espiritual ou pneumática, é a verdadeira Alquimia do Conhecimento.

¹⁷ *Ciencia y Religión en el siglo XVII*, El Colegio de México 1974, pág. 51.

HERMETISMO E MAÇONARIA

Doutrina, História, Atualidade

Federico González



III

APONTAMENTOS SOBRE HERMETISMO E CIÊNCIA (II)

Tentaremos ilustrar este paradoxo: a de que a Tradição Hermética está na Origem da Ciência, considerada esta última como aplicação à realidade concreta dos princípios herméticos e das doutrinas alquímicas e teúrgicas e, ao mesmo tempo, como a visão literal e racionalista apoderou-se pouco a pouco do homem ocidental, que transferiu conhecimentos da ordem vertical à parcialidade horizontal e assim ficou indefinidamente à deriva, a ponto de ameaçar sua sorte. Mas ao mesmo tempo isto produziu, por sua vez, outro paradoxo: que a progressão brinda agora inumeráveis portas de acesso para todos aqueles chamados ao conhecimento, o que é também uma extraordinária riqueza quando se ordena e se consegue sintetizar. Do Um ao múltiplo e, deste, o retorno à Unidade: um duplo movimento simultâneo, que se expressa mediante séries de parcialidades que tomam formas sucessivas e dissímeis, como as que estamos descrevendo.

No final do século XV se produzem acontecimentos muito importantes que são precedidos e seguidos por toda espécie de desenvolvimentos, nem sempre fáceis de perceber num primeiro momento, mas que têm sua origem neles. Iniciou-se para o Ocidente a era da experimentação, e

também a dos descobrimentos e inventos.

Efetivamente, em 1492 se descobriu a América, acontecimento que mudaria a face do mundo, em mais de um sentido, naquele momento e nos séculos posteriores.

O que foi produto de uma mescla de fatores que, por um lado estavam fundados em novos descobrimentos que apontavam a um conhecimento distinto da realidade, ou melhor a uma descrição diferente da mesma, e que obviamente se ligaram com uma concepção diferente da geografia, diversa à corrente naquela época, que se ampliava imensamente no espaço e se insinuava já como uma cosmologia pluridimensional que abandonava a geometria plana e a visão anterior, muito mais antropocêntrica que geocêntrica, como se costuma dizer.

Certamente que para o *Corpus Hermeticum* o sol tem um papel fundamental em sua cosmogonia, acompanhado pelos astros regentes como no Timeu ou qualquer cosmologia tradicional. Dos primeiros cientistas, quem deixou a visão aristotélica e a de Tomás de Aquino, e que a partir do Séc. XV começaram a percorrer outros caminhos, ainda muitos deles seguindo a Ptolomeu, é que se nutrem os conhecimentos que darão lugar à chamada "revolução científica",¹⁸ cujos protagonistas principais, não sempre convenientemente destacados, Copérnico, Galileu, Brahe, Newton, Boyle, Kepler,¹⁹ etc., considerados hoje os pais da "ciência moderna", derivam suas cosmogonias, ou grande parte delas, além do hermetismo, de fundamentos antigos da filosofia clássica – especialmente do Platão e dos autores árabes–, e de idéias esotéricas e concepções impregnadas de misticismo ainda relacionadas com interpretações bíblicas, o que o público médio hoje parece ignorar.

Embora o processo da revolução científica constitui deste modo um processo de rejeição da filosofia aristotélica, não devemos pensar absolutamente que careça de supostos filosóficos. Os artífices da revolução científica estiveram ligados também com o passado, e de diversas formas: remontam-se, por exemplo, a Arquimedes e a Galeno. A obra de Copérnico, a de Kepler ou a de Harvey, por exemplo, estão cheias de vestígios da mística hermética ou neoplatônica referente ao Sol. E o grande tema neoplatônico do Deus que faz geometria e que ao criar o mundo lhe imprime uma ordem matemática e geométrica que o investigador deve descobrir, caracteriza grande parte da revolução científica, como por exemplo a investigação de Copérnico, Kepler ou Galileu.

Portanto, o neoplatonismo –podemos afirmar com certa cautela– constitui a filosofia da revolução científica. Em qualquer caso, é sem dúvida o suposto metafísico que serve de eixo à revolução científica, quer dizer, à revolução astronômica. Entretanto, as coisas são ainda mais complexas do que até agora

fomos expondo. Efetivamente, a recente historiografia mais atualizada (Eugenio Garin, por exemplo, ou Frances A. Yates) pôs em relevo, com abundantes dados, a notável presença da tradição mágica e hermética no interior do processo que conduz à ciência moderna. Sem dúvida alguma, haverá quem -como por exemplo Bacon ou Boyle- critique com a máxima aspereza a magia e a alquimia, ou quem -como Pierre Bayle- lance invectivas contra as superstições da astrologia. Entretanto, em todos os casos, magia, alquimia e astrologia constituem ingredientes ativos naquele processo que é a revolução científica. Também é a tradição hermética, quer dizer, aquela tradição que, remontando-se a Hermes Trismegisto (recordemos que Marsílio Ficino tinha traduzido o *Corpus Hermeticum*), possuía como princípios fundamentais o paralelismo entre macrocosmos e microcosmos, a simpatia cósmica e a noção de universo como ser vivente. No transcurso da revolução científica, alguns temas e noções de caráter mágico e hermético -segundo o diferente contexto cultural em que vivam ou revivam- serão utilizados na origem e no desenvolvimento da ciência moderna. apesar de tudo, isto nem sempre era possível ou nem sempre ocorria. A revolução científica, em suma, avança num marco de idéias que nem sempre resultaram funcionais ou não o foram de todo para o desenvolvimento da ciência moderna. Assim, por exemplo, se Copérnico se remeter à autoridade de Hermes Trismegistos (e também à filosofia neoplatônica) para legitimar seu heliocentrismo, Bacon reprova Paracelso (que entretanto, como veremos, possui certos méritos) nem tanto por ter desertado da experiência, mas por havê-la traído, por ter corrompido as fontes da ciência e por ter despojado às mentes dos homens.²⁰

Mas de repente a nova ciência se tornou independente em diversas direções. Colombo e sua gesta mágico-científica é o protagonista do Descobrimento da América, e como se disse, de tudo o que isso criou em relação a uma nova Cosmografia. Marsílio Ficino, herdeiro do pensamento de Bizâncio, conquistada pelos turcos, é outro deles, segundo já o assinalamos, junto com o J. Pico de la Mirândola – recordemos que em 1492 se expulsou os judeus e os árabes da Espanha,²¹ e os primeiros levaram consigo sua Tradição (Cabala) por toda a Europa, que se adicionou assim aos conhecimentos "orientais" de Gemisto Pleton, especialmente na Itália.²² Mas aquela corrente hermética de pensamento seguiu se manifestando no Ocidente, e, tal como as conseqüências do Descobrimento da América, com os anos tomou formas diferentes e desembocou finalmente de modo inevitável na pobreza de idéias do mundo moderno e paradoxalmente na abundância de suas formas quantitativas.²³

Para traçar este esboço das relações do Hermetismo com a Ciência, serviu-nos de pedra de toque, como dissemos a princípio, o catálogo de duas grandes bibliotecas diretamente relacionadas com o tema e que portanto se constituem em documentos históricos. Trata-se como já

mencionamos da Biblioteca Colombina e a *Bibliotheca Chemica*, sendo esta muito posterior e pertencendo grande parte de suas entradas ao que se chamou o Renascimento na Inglaterra, sendo seu conteúdo decididamente hermético-alquímico, mas diretamente colecionada como uma biblioteca química-farmacéutica por um dos primeiros industriais e mineralistas, James Young of Kelly –transladada à Universidade de Glasgow quando da morte deste– e catalogada e comentada por John Ferguson. A primeira destas bibliotecas representa o mundo aristotélico e teológico medieval, a segunda a visão científico-mágica do Renascimento, em particular a da Alquimia-química, Hermetismo, Farmácia, Medicina e Mineralogia. Em todo caso nenhuma das duas tem nada que ver com a "religião científica" atual, instaurada dentro de uma corrente que se impôs definitivamente, e ainda segue sendo oficial face às concepções das últimas investigações da ciência, inclusive da Física Quântica.

A Biblioteca Colombina, depositada na Catedral de Sevilha, foi formada por Colombo; Hernando Colombo, filho do descobridor –com o qual participou de sua quarta viagem a Índias–, quem além de uma relação muito estreita com seu pai, que o levou a escrever a História do almirante Cristóvão Colombo, (documento fundamental que começa com seus descobrimentos e deixa na obscuridade tanto as origens do navegante como a idéia e concreção de suas viagens), teve uma vida bastante destacada na corte da Espanha desempenhando diferentes postos e funções (por exemplo: propôs a Carlos V a fundação de uma Academia de Matemática), como no resto da Europa. Prova disso é sua extensa biblioteca que aqui mencionamos, adquirida nas cidades mais importantes de seu tempo, segundo suas próprias notas manuscritas inseridas nos livros. Desgraçadamente não se trata da biblioteca do próprio almirante que, como seu filho, é homem de estudo e gabinete,²⁴ embora se conservam quatro obras que tinha em Córdoba conforme afirma Jacques Heers em sua obra Cristóvão Colombo:

Estas quatro obras, que atualmente se conservam na biblioteca colombina de Sevilha, são:

- Uma recopilação composta ou, melhor dizendo, realizada pelo cardeal Pedro de Ailly, com o título de *Imago mundi*. Pedro de Ailly nasceu em Compiègne em 1350, foi bispo de Cambraia e renomado cardeal em 1412. Durante alguns anos foi confessor do rei Carlos VI. Este exemplar é de uma edição de 1480 ou 1483, impressa na Lovaina, composta de 21 tratados, 16 obras de De Ailly e 5 de Pierre Gerson; todos se referem à astronomia, à cosmografia, ao conhecimento do mundo e diversas partes das terras habitadas. A obra era bem conhecida e se difundiu durante muito tempo até antes de sua impressão, particularmente em Portugal, onde Gomes Eanes de Azurara a cita em sua Crônica do descobrimento

e da conquista da Guiné, escrita em 1453.

- Um exemplar da *Historia rerum ubique gestarum*, do papa Pio II Piccolomini, na edição de Veneza (1477).

- Uma História natural, de Plínio, traduzida ao italiano por um florentino para o rei de Nápoles; impressa, também em Veneza, em 1489.

- Um exemplar da Descrição do mundo de Marco Polo (tradução ao latim por um religioso de Bolonha, impresso em Amberes em 1485).

- Além disso, sabe-se da existência de um exemplar das Vidas, de Plutarco, e de um Ptolomeu numa edição de 1479.

Os quatro primeiros livros estão abundante e cuidadosamente anotados, seja nas margens, seja na parte inferior das páginas, já em grandes ampliações em metades de folha em branco. As notas, de muito desigual importância, às vezes se limitam a repetir uma palavra que se considerou importante; em outras ocasiões se trata de verdadeiras glosas, de comentários mais ou menos sábios ou produto da fantasia. contam-se mais de 2.000 notas devidas à pluma do Colombo e que sem dúvida são seus escritos mais espontâneos, mais autênticos e indiscutíveis.

Como se pode ver, quando se consulta seu catálogo, também a biblioteca do filho, que foi educado esmeradamente, reflete as inquietações de seu pai, e ambos a de sua época, onde se destaca a extraordinária figura do Cristóvão Colombo, diretamente vinculada à História da Ciência, e exemplo vivo do Renascimento e portanto do desenvolvimento da imagem imutável do mundo medieval, já esclerosado, para novas possibilidades mais plásticas, adequadas a um mundo que se transformava e que foi progressivamente dando lugar a novos pontos de vista no plano inquiridor e criativo, o que desembocou em novas formas de ver a Filosofia e a Cosmogonia Perene.

Na já citada obra de Hernando Colombo sobre seu pai pode ser lido²⁵:

Vindo, pois, dizer as razões que moveram o Almirante ao descobrimento das Índias, direi que foram três, ou seja: os fundamentos naturais, a autoridade dos escritores e os indícios dos navegantes.

E igualmente, no capítulo VII, referindo-se aos estudos que a motivaram:

O segundo fundamento que deu ânimo ao Almirante para dita empresa e pelo qual pôde chamar com razão Índias às terras que descobriu, foi a autoridade de muitas pessoas doutas que disseram que do extremo ocidental da África e da Espanha

poderia navegar-se pelo Ocidente até o extremo oriental da Índia; e que não era grande mar o que estava no meio, conforme afirma Aristóteles ao final do segundo livro do Céu e do Mundo. Onde diz que das Índias se pode passar a Cádiz em poucos dias, o qual também prova Averroes falando sobre o mesmo lugar. E Sêneca, no primeiro livro dos Naturais, estimando em nada o que neste mundo pode aprender-se comparado com o que se adquire na outra vida, diz que das partes últimas da Espanha poderia passar-se até as Índias com um navio em poucos dias com vento favorável. E se, como alguns querem, este Sêneca fez as tragédias, poderemos dizer que a este propósito escreveu no coro da tragédia Medea: "Nos últimos anos virão séculos em que o Oceano afrouxará os vínculos das coisas e se descobrirá uma grande terra; e outro como Tifis descobrirá novos mundos, e não será Tule a última das terras."²⁶ O que agora se tem por muito certo que se cumpriu na pessoa do Almirante.

Estrabão, no primeiro livro de sua Cosmografia, diz que o Oceano circunda toda a terra, e que no oriente banha a Índia e no ocidente a Espanha e a Mauritània; e que, se não o impedisse a magnitude do Atlântico, poder-se-ia navegar de um lugar a outro por um mesmo paralelo. O mesmo volta a dizer no segundo livro. Plínio, no segundo livro da História Natural capítulo CXI, diz também que o Oceano circunda toda a terra e que sua longitude do Oriente a Poente é a da Índia a Cádiz. O mesmo no capítulo XXXI do livro VI e Solino no capítulo LXVIII Das coisas memoráveis do mundo dizem que das ilhas Górgonas, que se acredita que são as do Cabo Verde, há quarenta dias de navegação pelo mar Atlântico até as ilhas Hespérides, as quais o Almirante teve por certo que eram as da Índia.

Marco Polo, veneziano, e Juan de Mandeville dizem em seus itinerários que passaram muito além no Oriente do que escreveram Ptolomeu e Marino. Estes, embora não falem do mar Ocidental, pelo que descrevem do Oriente pode argüir-se que a tal Índia é vizinha da África e da Espanha. Pedro de Aliaco, no tratado *Da imagem do mundo*, no capítulo VIII, de *quantitate terrae habitabilis*, e Júlio Capitolino, *Dos lugares habitáveis*, e em outros muitos tratados dizem que a Índia e Espanha estão próximas pelo Ocidente. No capítulo XIX de sua Cosmografia diz estas palavras: "Segundo os filósofos e Plínio, o Oceano que se estende entre os fins da Espanha e da África Ocidental e entre o princípio da Índia para o Oriente, não é um intervalo muito longo; e se tem por muito certo que se pode navegar em poucos dias com vento favorável. Por isso o começo da Índia pelo Oriente não pode distar muito do fim da África pelo Ocidente".

Na muito abundante obra sobre Colombo e América, aumentada nesta década em razão do quinto centenário do Descobrimento, não faltam nem o ditirambo nem o elogio desmedido, ambos os produtos de uma questão emocional. Em contraste com isso, um notável cientista alemão, Alexandre von Humboldt, escreveu com conhecimento de causa, acaso uma das obras mais sérias sobre o Almirante, Cristóvão Colombo e o descobrimento da América,²⁷ onde se afirma:

Desde que à hipótese do disco da Terra nadando na água foi substituída pela idéia

da esfericidade da Terra, idéia própria dos pitagóricos Hicetas, Ecphantos e Heráclides do Ponto e de Parmênides de Elea, exposta e defendida com admirável claridade por Aristóteles, não se necessitou grande esforço de engenho para entrever a possibilidade de navegar da extremidade da Europa e da África às costas orientais da Ásia. Encontramos, efetivamente, esta possibilidade claramente enunciada no Tratado do céu, do Estagirita (últimas linhas do segundo livro), e em dois lugares célebres de Estrabão. Por agora basta enunciar aqui que ambos os autores falam de um só mar que banha as costas opostas. Não considera Aristóteles a distância muito grande..... e Estrabão não encontra outro obstáculo para passar da Ibéria até as Índias do que a desmesurada largura do Oceano Atlântico.....

Estas mesmas noções sobre a possibilidade de ir diretamente à Índia pela via do Oeste, sobre as partes da Terra que são habitáveis e a relação entre as superfícies dos continentes e dos mares (na época, considerava-se erroneamente a extensão destes menor que a das terras), encontram-se em Roger Bacon, homem prodigioso pela variedade de seus conhecimentos, pela liberdade de seu espírito e pela tendência de seus trabalhos para a reforma dos estudos físicos. Continuando a via aberta pelos árabes para aperfeiçoar os instrumentos e os métodos de observação, não só foi o fundador da ciência experimental, mas também abrangeu simultaneamente em sua vasta erudição tudo quanto podia aprender nas obras de Aristóteles, mais acessíveis desde pouco tempo antes pelas versões do Miguel Scott, e nas relações de dois viajantes contemporâneos deles, Rubruquis e Plano Carpini. Não rebaixa o mérito do Colombo a lembrança desta continuação de opiniões e de conjecturas, que se reconhece (através das pretendidas trevas da Idade Média) dos cosmógrafos da antigüidade até o fim do século XV. As trevas se estendem sem dúvida sobre as massas; mas nos conventos e nos colégios algumas pessoas conservaram as tradições da antigüidade. O próprio Bacon, reconhecendo o que chama o poder da erudição e do conhecimento das línguas, "dá conta de uma ardente afeição ao estudo que observa, sobretudo há quarenta anos, nas cidades e nos monastérios, ao lado da ignorância geral dos povos".

E Humboldt conclui:

Em nenhuma outra época, repetimos, ficaram em circulação tantas e tão variadas idéias novas como na era de Colombo e de Gama, que foi também a de Copérnico, de Ariosto, de Dürer, de Rafael e de Michelangelo. Se o caráter de um século "é a manifestação do espírito humano em uma época dada", o século de Colombo, alargando impensadamente a esfera dos conhecimentos, imprimiu novo vôo aos séculos futuros. Próprio é dos descobrimentos, que afetam ao conjunto dos interesses sociais, engrandecerem simultaneamente conquistas e o terreno por conquistar. Para os espíritos débeis, em diferentes épocas a humanidade chega ao ponto culminante em sua marcha progressiva, esquecendo que, pelo encadeamento íntimo de todas as verdades, à medida que se avança, o campo por percorrer se apresenta mais vasto, limitando um horizonte que sem cessar retrocede. Um guerreiro pode queixar-se de que "fique pouco por conquistar"; mas a frase não é aplicável, por sorte, aos descobrimentos científicos, às

conquistas da inteligência.

Ao recordar o que o pensamento de dois homens, Toscanelli e Colombo, ajudou o espírito humano, não é justo limitar-se aos admiráveis progressos que simultaneamente fizeram a geografia e o comércio dos povos, a arte de navegar e a astronomia náutica; em geral, todas as ciências físicas e, finalmente, a filosofia das línguas, engrandecida com o estudo comparado de tantos idiomas estranhos e ricos em formas gramaticais.

Convém também fixar a atenção na influência exercida pelo Novo Continente nos destinos do gênero humano...

Na realidade, quem lê as cartas de Colombo e os diários de bordo, não pode deixar de perceber que paralelamente ao interesse científico do navegante existe uma abertura para a poesia e para o amor à natureza (neste caso tropical), encarnação do sobrenatural, e sobretudo, como foi assinalado numerosas vezes, um "misticismo" que muitas vezes é um "iluminismo", abonado pelos sinais de ter chegado a descobrir o paraíso, de conhecer aquilo que os sábios da antigüidade só mencionavam veladamente, e graças a sua gesta heróica, marcada pelo destino, poder participar de um mistério, revelar um segredo. Um ambiente mágico é evidente na literatura colombina e o fato de que a busca do conhecimento e a da ouro estejam perfeitamente combinadas em suas empresas, permite-nos relacioná-la com a Tradição Hermético-Alquímica, embora ele não tenha sido um alquimista no estrito senso. Precisamente em sua época as gestas materiais não eram alheias às espirituais, senão uma prolongação destas. E embora é certo que em seu entorno –e o de seu filho– não há referências diretas a Hermes e às idéias herméticas, nem à Alquimia, existem-nas, e numerosas, a idéias aparentadas referentes a sua modalidade filosófica no aspecto cristão. No que faz ao catálogo da biblioteca colombina são muitos os autores considerados esotéricos que estão representados nela.²⁸

De fato o catálogo da biblioteca de Hernando Colombo, de modo geral, dá-nos a idéia de uma coleção medieval, com muita influência teológica e eclesiástica, inclusive com muito numerosos livros de piedade e opúsculos devotos, em que não faltam os autores e filósofos da antigüidade grego-romana, os esoteristas e teósofos, à par de que as obras de cultura geral, e os tratados de matemática, medicina, cosmografia e geografia disponíveis nessa época, já que terá que ter muito em conta para qualquer valoração, que as obras impressas eram muito escassas naquela época, e em muitos casos as edições dos primeiros incunábulos quase não superavam em número à de certos

manuscritos.

Infelizmente o ingresso de novas obras se acabou com a morte de Hernando Colombo e, até essa época, as idéias renascentistas relacionadas com Hermes, com o neoplatonismo, Pitágoras, etc., propagadas pela tão mencionada escola de Florença e seu representante máximo Marsílio Ficino e seguidas por diferentes autores e investigadores de diferentes partes da Itália e do resto da Europa, logo começavam a acender nas almas mais qualificadas, em parte pela lentidão da informação a que nos acabamos de referir e certamente pela mesma natureza do processo intelectual que supõe uma mudança de perspectiva tão importante como o que significou o nascimento da Ciência Moderna. De fato, terá que se esperar até que aparecessem os manifestos sobre O avanço do saber emitidos por Francis Bacon (*The Advancement of learning*, 1605) para que se "oficializasse" o "método" científico, embora isto só foi o desenvolvimento de uma série de idéias e ângulos de visão entre as quais o Descobrimento da América influiu de modo direto, e sobretudo de maneira subliminar, tal qual um suposto da civilização do Ocidente e de sua posterior irradiação no mundo inteiro.

É curioso que fora um Bacon, Roger, quem tivesse promovido o conhecimento científico na Idade Média, e que outra individualidade do mesmo sobrenome, Francis –ao qual se lhe atribuiu entre outras coisas a obra shakespeariana–, e autor da utopia sobre a Nova Atlântida, fosse o caudilho da Ciência no Renascimento inglês, ou seja, a passagem cultural que vai da Biblioteca Colombina à classificada por Ferguson.²⁹ O espaço de tempo que as separa indica duas maneiras de encarar um mesmo fato, o Conhecimento, mediante formas diferentes de aprendizagem que, inclusive, levarão com o correr dos anos a resultados diametralmente opostos às inquietações que os geraram e que se solidificaram –permita-nos repeti-lo uma vez mais– na alienante historia de um progresso indefinido, e no racionalismo, que tomam não à Ciência como um meio de Conhecimento, mas sim como realidade à qual terá que se ater estritamente, tal como uma nova forma dogmática religiosa. E que imaginam a salvação do gênero humano por meio deste "progresso", hoje crédulo à técnica e à eletrônica, idéia completamente vigente em nossa sociedade, embora rechaçada também cada vez mais parcialmente –ou em sua integridade– por seres humanos desenganados ou exaustos, muitos deles lúcidos embora superados amplamente pela ignorância e o engano das massas. Isto ocorre de forma semelhante com as teorias da evolução segundo as quais homens e mulheres surgimos a partir de espécies inferiores.

Já mencionamos que estes são tão somente uns apontamentos, entretanto

pensamos que podem servir para dar-se conta da importância e do alcance deste tema. A questão das origens mágico-teúrgicas, quer dizer sagradas ou inspiradas, da ciência e, portanto, o processo da formação da ciência moderna por degradação cíclica de um pensamento hermético, é possível de observar para qualquer um que estude sem preconceitos seu devir.³⁰

Definitivamente, este tema concerne à história oculta da coisas e à presença contínua de Hermes para nossa civilização. E se a História das Idéias é a memória dos homens e portanto necessariamente uma visão do cosmo, conhecer as origens cíclicas é uma forma de reencontrar a si mesmo num mundo que também é outro, de remontar a corrente para a simultaneidade de alguns conceitos que estão na essência da Cosmogonia, e que constituem uma abertura à Metafísica.

NOTAS

- ¹⁸ É necessário esclarecer que as matemáticas modernas, quer dizer as aplicadas –que formam parte de nosso condicionamento cultural–, não constituíram um tema fundamental da revolução científica, senão que os números foram considerados como princípios vivos no Cosmo e nunca como sistemas estruturais e abstratos tal qual os de Descartes e outros cientistas continentais em relação com a Inglaterra.
- ¹⁹ "É minha intenção, leitor, demonstrar neste pequeno livro que o Criador *Optimo* Máximo, ao criar este mundo móvel e na disposição dos céus se ateve aos cinco corpos regulares que foram famosos dos dias do Pitágoras e Platão até os nossos e também que em função de sua natureza ajustou seu número, suas proporções e a razão de seus movimentos." (Joannes Kepler, *El secreto del universo*. Alianza Ed., Madrid 1992). apesar da disputa que manteve com Fludd, onde lhe acusava de utilizar métodos não puramente matemáticos, como ele o fazia, mas sim herméticos, Kepler, admirador de Nicolas de Cusa, seguiu toda sua vida um tipo de pensamento místico-filosófico baseado em Platão e Pitágoras e na Harmonia das esferas, o que está claro em seu *Harmoniae Mundi* que nada teria que ver com o mantido pela ciência no futuro, pois posteriormente todo rastro de espiritualidade teve que desaparecer em seus caminhos e se tomou Kepler, tal como Newton e ao próprio Bruno conforme vimos, como a um cientista agnóstico, só interessado pelo conteúdo empírico de sua teoria sobre as órbitas elípticas dos planetas, separada de todo conteúdo relacionado com a sacralidade da criação.
- ²⁰ G. Reale e D. Antiseri: *Historia del pensamiento filosófico y científico, II: Del humanismo a Kant*. Herder, Barcelona 1995. p. 174-175.
- ²¹ Ver J. Vernet, *Lo que Europa debe al Islam de España*. El Acantilado, Barcelona 1999.

- ²² Não é demais dizer que nesse país Gemisto Pleton conheceu ao astrônomo Toscanelli quem, por sua vez, teve contato com Colombo. Por outra parte o mesmo G. Pleton foi o que deu a conhecer a obra do Estrabão ao ocidente.
- ²³ Na obra de A. Kircher, *Edipo Egípcio* (II, 2), os egípcios são considerados os inventores da mecânica, derivada de sua gnose, já que disso se tratava nos parágrafos contidos no Asclépio, referentes às estátuas animadas –que para outros com bom critério eram imagens dos Apóstolos criados por Cristo, ou as possibilidades de reviver aos mortos ou homens ordinários, e dotá-los de verdadeira vida, o que poderia ser feito por um mago ou hermetista–, e de fato de toda ciência, já que os gregos tinham herdado deles todos seus conhecimentos. Entretanto, mais adiante nesta mesma obra condena a ciência –diabólica– dos egípcios como se previsse os alcances que tomaria com o tempo, opinião avalizada talvez por sua própria experiência de cientista, ao qual se lhe atribui entre outros inventos, a criação da lanterna mágica, precedente da fotografia e o cinematógrafo.
- ²⁴ "Consultei e me esforcei por ver toda classe de livros, de cosmografia, de história, de crônicas, de filosofia e outras artes" escreve o descobridor da América. Aqui e acolá se percebem estas leituras em seus diários de bordo.
- ²⁵ *Vida del Almirante Cristóbal Colón, escrita por su hijo Hernando*. Cap. VI. F.C.E. México 1984.
- ²⁶ A Sêneca deveriam ser adicionados os textos do Timeu (24c) e do Critias de Platão e os de Plutarco em *De facie quae in orbe lunae apparet*, todos eles vinculados com a Atlântida.
- ²⁷ Monte Avila. Caracas 1992.
- ²⁸ Ver ♦ Apêndice para uma seleção de títulos. Há um livro de duas páginas atribuído a Hermes nela. Encontra-se numa coleção de escritos médicos, sob o nome de *Hippocrates*, N° catálogo 6623. Também um comentário sobre o *Corpus Hermeticum* e *O Pastor de Hermas*.
- ²⁹ Francis Bacon (1561-1626) foi chamado o pai do empirismo e a maior parte dos historiadores da Ciência não duvidam em considerá-lo como um "pai" da investigação científica. Entretanto o estudo de suas obras mostra a um autor preocupado verdadeiramente pelas idéias herméticas e pela Ciência Sagrada. Escreveu muito, e de sua obra, espigando aqui e ali, extraímos estes fragmentos sobre a experimentação, que poderiam ser seguidos por outros tantos:
- "A demonstração, a melhor, em muito, é a experiência, contanto que se mantenha fixa no próprio experimento. Pois caso se transfira a outras coisas que pareçam semelhantes, se essa transposição não se fizer com a devida ordem, é uma operação enganosa."
- "Assim deve resultar que os homens fazem experiência com pressa e como por brincadeira, variando um pouco os experimentos já conhecidos, e se não se obtém resultado, ficando aborrecidos e abandonando a empresa. E caso se apliquem aos experimentos com mais seriedade e com mais perseverança e laboriosidade, entretanto, centram sua esperança em fazer um só experimento determinado, como Gilberto no ímã e os químicos no ouro. Isto

o fazem os homens com um modo de proceder tão imperito como pobre em resultados. Ninguém chega a penetrar com êxito na natureza de uma coisa, senão que deverá se estender a investigação a fenômenos mais universais..." *Novo órgão*, 2.^a parte, LXX, livro I. Ver também *Les secrets de Sir Francis Bacon*, Gonzague de Marliave. Dervy Livres, Paris 1991.

³⁰

Inclusive no século XIX foram tomados como cientistas certos elementos que influíram muito em seu tempo, que vão do mesmerismo, até o encantamento de animais, passando pela telepatia, etc. Estes "saberes" devem se adicionar aos da medicina popular, baseada em ervas e elementos naturais, dietas, etc. aos quais nunca foi alheia uma ação "mágico-teúrgica", radiestesia, mancias, talismãs e conjuros, etc., a qual manteve à população camponesa e a suas colheitas –que alimentam às cidades– durante séculos. Um resquício daqueles conhecimentos inscritos na cultura agrícola está refletido nos famosos *Almanaques*, –que como Boyle e outros cientistas de seu tempo queriam, são o fruto da experiência natural mais direta–, consultados por todo mundo, verdadeiras enciclopédias e compêndios da cultura popular Européia, que incluíam Astronomia, medidas, números, ditos populares e festas e mercados em relação com os interesses de sua vida cotidiana, tudo isso sintetizado no ciclo anual.